

## SUMÁRIO

- 705 — ● Importância dos Institutos Religiosos — PAULO VI
- 710 — ● Pastoral e Escola Secundária — PAULO VI
- 717 — ● Presença e Repercussão da CRB — PADRE TIAGO G. CLOIN, C.S.S.R.
- 725 — ● Religiosos no Apostolado da Igreja — FREI JERÔNIMO HAMER, O.P.
- 736 — ● O Beato Luís Guanella — PADRE MÁRIO TARANI, S.C.
- 747 — ● A Unidade da Vida Religiosa Ativa — CRC
- 755 — ● Consultas (II — *Visitadora geral e língua pátria*)
- 757 — ● Note e Anote : *Trabalho Apostólico das Religiosas da Arquidiocese de Natal — Intervenção Brasileira Revolucionária o Concílio — Como Pensa um Bispo Norte-Americano*
- 762 — ● CRB Informa...
- 764 — ● Recensões Bibliográficas
- 765 — ● Índice da Revista da CRB — 1964

# Importância dos Institutos Religiosos

N. da R. — *No dia 23 de maio último, durante uma audiência especial concedida ao Cardeal Antoniutti, DD. Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos, e aos capítulos gerais das ordens e congregações várias, o Santo Padre proferiu a alocução que ora publicamos. Sua Santidade achou por bem falar a todos reunidos, tendo em conta a importância d'êste encontro comum para "expor alguns pontos que interessam a todos os religiosos, espalhados pela terra". (Do NOTICIÁRIO DA OBRA PONTIFÍCIA DAS VOCAÇÕES RELIGIOSAS, n.º 13, setembro de 1964)*

**Q**UEREMOS, em primeiro lugar, salientar a capital importância dos institutos religiosos e a evidente necessidade da sua missão para a Igreja na atualidade. Devemos reconhecer que se dá agora, e com razão, grande valor à doutrina da vocação de todos os fiéis, de qualquer classe e condição, à santidade; funda-se essa doutrina, antes de mais, na consagração a Deus pelo batismo. Por outro lado, as necessidades atuais exigem que o ardor da vida cristã se ateie no mundo e inflame os corações; quer dizer, exige-se a "consagração do mundo", e êsse dever incumbe principalmente aos leigos. Tudo isto obedece aos desígnios da Divina Providência, e há motivo para nos regozijarmos com tão auspiciosos começos.

Cumpre, porém, acautelar-nos, não vá com isso ofuscar-se a genuína noção da vida religiosa, tal como vigorou sempre na Igreja, e os jovens vejam dificultada a escolha de vida, por já não discernirem com distinção e clareza a finalidade específica e a importância inalterável do estado religioso na Igreja.

Achamos, por isso, conveniente chamar a atenção para a importância inestimável da vida religiosa e para a necessidade da sua atuação; êste estado que da profissão dos votos evangélicos recebe a natureza que o caracteriza, é, segundo o exemplo e doutrina de Jesus Cristo, um modo de vida perfeita, porquanto tende ao aumento da caridade e seu aperfeiçoamento.

mento; os outros gêneros de vida têm os seus objetivos, utilidades e deveres temporais, em si legítimos.

Por outro lado, hoje mais do que nunca, precisa a Igreja do testemunho público e social da vida religiosa. Quanto mais urgente se torna o dever de os leigos viverem e irradiarem a vida cristã no mundo, tanto mais necessário é que brilhe com mais intenso fulgor o exemplo daqueles que renunciam realmente ao mundo, e assim se demonstre inequivocamente que o Reino de Cristo não é deste mundo (cf. *Jo* 18,36).

Dêste modo, a profissão dos votos evangélicos é um acréscimo à consagração do batismo, que vem completar pelo seu caráter de consagração especial: por ela, o cristão entrega-se e consagra-se inteiramente a Deus, votando toda a sua vida exclusivamente ao Seu serviço.

Tudo isto se relaciona com outro ponto sobre o qual desejamos fazer-vos algumas advertências, inspiradas pela Nossa paternal solicitude: é que tendes no melhor aprêço os votos religiosos e deis grande importância à sua prática. Só assim podereis levar vida conforme com o estado que abraçastes, no qual vos deveis portar de modo a contribuir eficazmente para o progresso na caridade perfeita, a dar aos fiéis testemunho de vida cristã e a entusiasma-los por ela.

Se bem que o condicionalismo humano sofreu não pequenas alterações nestes últimos tempos, resultando daí a necessidade de adaptar a vida dos religiosos às circunstâncias atuais, cumpre, no entanto, notar que as exigências que dimanam da natureza mesma dos conselhos evangélicos continuam em pleno vigor e não podem por forma alguma ser diminuídas.

Por conseguinte, dai-vos com todo o empenho a observar na vossa vida prática a obediência religiosa. Ela é, e deve continuar a ser, um holocausto da própria vontade a Deus. Este sacrifício de si mesmo consiste na humilde sujeição aos legítimos superiores, embora a autoridade deva exercer-se dentro dos limites da caridade e respeitar a pessoa humana; nem obsta a essa sujeição humilde aos superiores o fato de os nossos tempos reclamarem cada vez mais a presença dos religiosos em muitos cargos de responsabilidade e exigirem deles o empreendimento rápido de iniciativas dinâmicas.

Não cesseis de inculcar o *amor da pobreza*, da qual tanto se fala hoje na Igreja. Os religiosos devem avantajarem-se a todos pelo luminoso exemplo da pobreza evangélica. É necessário, portanto, que amem a pobreza a que espontaneamente se votarem; e não basta a dependência dos superiores, quanto ao uso, mas os próprios religiosos se devem contentar com as coisas necessárias à vida, evitando comodidades e luxos que são a ruína da vida religiosa.

Além da pobreza *individual*, não é lícito descurar a pobreza que deve resplandecer na *família*, ou seja, no *corpo* de que fazem parte *todos os religiosos*. Por conseguinte, evitem os institutos religiosos o excessivo arranjo e decoração e tudo o que pareça luxo nos seus edifícios e quaisquer obras, tendo em linha de conta as condições sociais do meio em que vivem. Abstenham-se também de procurar lucros com demasiado afã; an-

tes, acudam às verdadeiras necessidades de seus irmãos indigentes, quer estes residam na própria terra, quer noutras partes do mundo, com os auxílios temporais que a Divina Providência lhes proporciona.

Guardem os religiosos com especial diligência, *como preciosa pérola, a castidade*. Todos sabem que o condicionalismo da vida moderna torna difícil o exercício da castidade perfeita, não só por causa da dissolução dos costumes, que por toda a parte campeia, mas também por causa das falsas doutrinas que, exagerando por demais os direitos da natureza inoculam nas almas o vírus da tragédia e da morte. Isto, contudo, poderá servir-nos de estímulo para corroborar cada vez mais a nossa fé: por ela cremos nas palavras com que Jesus Cristo apregouo o valor sobrenatural da castidade; é por amor do Reino dos Céus que ela deve ser cultivada; e é animados dessa fé que não temos a mais pequena dúvida de que com a divina graça se possa conservar intato este lírio imaculado.

Para isto se conseguir com pleno êxito, é necessária mais intensa aplicação à prática da mortificação cristã e à guarda mais vigilante dos sentidos. Não se permitam, pois, de modo algum, livros, ou revistas ou espetáculos desonestos ou indecorosos, nem sequer a pretexto de conhecimentos úteis ou enriquecimento da cultura humana; a não ser talvez por justa necessidade dos estudos, reconhecida pelos superiores religiosos. Ninguém poderá jamais avaliar suficientemente a eficácia dos sagrados ministérios num mundo tão infetado de torpezas, mas é preciso que no desempenho de tais mistérios refulja o exemplo da castidade consagrada a Deus, como baluarte contra os perigos.

### **Estrutura e govêrno dos institutos**

Sôbre estes pontos, basta o que deixamos dito.

Queremos agora focar brevemente outro aspecto que diz respeito à própria estrutura e govêrno dos institutos religiosos. É dêle que costumam sobretudo ocupar-se os trabalhos dos capítulos gerais. É evidente que, para o exato cumprimento da vida religiosa, é mister haver disciplina, regras e ambiente propício para a sua observância. Por isso, a principal função dos capítulos gerais seja conservar as normas da família religiosa, prescritas pelo fundador e mantidas através dos tempos. Deveis, portanto, procurar opor uma barreira sólida a todos êsses modos de proceder que tendam a relaxar paulatinamente o rigor da disciplina, como são os costumes contrários à vida religiosa, as dispensas desnecessárias, os privilégios abusivos. Da mesma forma, deveis tomar precauções contra qualquer afrouxamento da disciplina, motivado não por verdadeira necessidade, mas por orgulho, horror à obediência ou espírito mundano.

Pelo que respeita ao empreendimento de novas obras e iniciativas, absteende-vos das que não correspondam à principal finalidade do vosso instituto ou ao espírito do vosso fundador. Os institutos religiosos só conservam o seu vigor e florescimento, enquanto na sua disciplina e obras, e nos costumes e vida dos seus membros, se mantiver íntegro e vivo o espírito do fundador.

As congregações religiosas, pela semelhança que têm com um corpo vivo, desejam com todo o direito receber constante aumento. Este aumento, porém, do instituto deve pôr-se mais na maior observância das vossas regras, do que no número de membros ou em novas legislações. Pelo contrário, a multiplicidade de leis nem sempre é acompanhada de progresso da vida religiosa; acontece muitas vezes que quanto mais normas se dão, menos atenção se lhes presta. Por conseguinte, usem os capítulos gerais com moderação e prudência do direito que lhes compete de promulgar leis.

Finalmente, é da maior importância que os capítulos gerais dirijam particular atenção a uma constante adaptação da legislação dos seus institutos às novas exigências dos tempos. Tal adaptação, contudo, há de procurar-se, sem lesar a estrutura e disciplina do instituto. Cada família religiosa tem a sua missão própria, e a ela deve permanecer absolutamente fiel; é daí que advirá a fecundidade vital do instituto e aí se encerra também o manancial inexaurível das regras do céu.

Não se introduza, pois, nenhuma inovação disciplinar que não esteja conforme com a natureza da ordem ou congregação ou, de algum modo, se afaste do espírito do fundador. Tal renovação disciplinar não pode, além disso, ser feita senão pela competente autoridade. Por conseguinte, enquanto se procura levar a bom termo essa adaptação disciplinar, não introduzam os religiosos por sua conta e risco nenhuma inovação, nem afrouxem as rédeas disciplinares ou favoreçam a crítica; antes, seja tal o seu comportamento, que ajudem com a sua fidelidade e obediência a realizar com mais rapidez essa renovação. Quando esta se der, modificar-se-á a *letra* das vossas Constituições, mas não o *espírito*, que permanecerá em tôda a sua pureza.

Ao procurar esta renovação dos vossos institutos, deveis ter sempre o cuidado de que a vida espiritual dos vossos religiosos ocupe sempre o primeiro lugar. Portanto, nem vós, nem nenhum dos religiosos que têm por vocação dedicar-se às obras do apostolado, deve, de forma alguma, deixar-se influenciar por aquela idéia falsa de que o primeiro cuidado há de aplicar-se às obras exteriores e que a perfeição interior merece apenas o segundo lugar, como se isso fôsse o que pedem as necessidades dos nossos tempos e da Igreja.

A atividade entusiástica e o cuidado da vida espiritual, longe de se prejudicarem reciprocamente, requerem a mais estreita união, a fim de caminharem sempre ambos lado a lado.

A uma atividade ardente deve corresponder igual fervor na oração, a paz de uma consciência irrepreensível, a paciência nas adversidades, o amor ativo e solícito da salvação das almas. Se estas virtudes se descuram, faltará solidez e fruto aos trabalhos apostólicos, o espírito decairá pouco a pouco e não virá longe o dia em que sucumba aos perigos latentes no próprio desempenho dos ministérios sagrados.

Quanto ao apostolado confiado aos religiosos, quiséramos acrescentar as seguintes observações :

Os institutos religiosos devem diligentemente harmonizar a missão católica que lhes é própria com as condições e circunstâncias da vida moderna. Nêsse sentido se devem formar e educar os religiosos mais novos, mas o ardor apostólico, que os inflama, não deve circunscrever-se aos limites da sua ordem; deve antes estar patente às ingentes necessidades espirituais dos nossos tempos.

Mas isto ainda não é tudo. Procurem êsses mesmos religiosos alcançar tão esmerado cabedal de conhecimentos, cada qual dentro da sua esfera, que possam pela palavra e pela ação tornar-se verdadeiros ministros de Deus, insignes pela sólida doutrina e pela autoridade da sua vida irrepreensível.

Neste ponto, não se deixem os religiosos entregues a si mesmo, mas vigiem os superiores constantemente as suas atividades, principalmente quando se trata daquela prestabilidade que costuma ter grande importância para a vida social.

Temos também muito a peito que a prestabilidade dos religiosos se desenvolva em harmonia com as normas da sagrada Jerarquia. A isenção das ordens religiosas não se opõe de modo algum à constituição divina da Igreja, em virtude da qual todo o sacerdote, sobretudo no desempenho dos sagrados ministérios, deve obedecer à sagrada Jerarquia. Os religiosos, sempre e em tôda a parte, estão sujeitos em primeiro lugar ao poder do Romano Pontífice, como seu Superior supremo (cân. 499, § 1). Portanto, os institutos religiosos estão à disposição do Romano Pontífice nas obras que dizem respeito ao bem da Igreja universal. E pelo que se refere ao exercício do sagrado apostolado nas várias dioceses, os religiosos estão também sujeitos à jurisdição dos bispos, aos quais devem prestar auxílio, dentro porém do gênero de apostolado que lhes é próprio e salvas sempre as exigências da vida religiosa. Daqui se infere a utilidade que para o bem da Igreja tem a colaboração prestada pelos religiosos ao clero diocesano, visto que a união de forças se torna mais forte e mais eficaz.

\* \* \*

Aqui tendes, diletísimos filhos, em breve resumo, o que Nos parece contribuir poderosamente nos dias de hoje para o aumento da vida religiosa. Tudo isto vos deve patentear a viva solicitude com que acompanhamos e apreciamos a vida religiosa e a grande esperança que depositamos na vossa colaboração.

O caminho que vos mostramos e que deveis trilhar é certamente árduo e erçado de dificuldades. Mas enchei-vos de esperança, porque não se trata de uma causa nossa, mas de Jesus Cristo. Cristo é a nossa fortaleza, a nossa confiança; Ele estará sempre conosco.

Procurai, pois, pela pureza da fé, pela santidade de vida e pelo ardentíssimo amor de tôdas as virtudes, difundir o mais possível o bom odor de Cristo.

Pela Nossa parte, não só agradecemos a vossa homenagem, mas fazemos votos e preces a Deus, para que, por intercessão da doce Virgem Maria e pelo alento maternal com que ela fomenta tôdas as virtudes, os vossos institutos recebam cada dia maior incremento e produzam frutos cada vez mais abundantes e salutares.

---

## PASTORAL E ESCOLA SECUNDARIA

*N. da R. — No passado dia 28 de agosto, o Santo Padre Paulo VI dirigiu a sua palavra aos participantes do Convênio do Secretariado Catequético da Ação Católica Italiana "indicando novos e luminosos caminhos para o alto apostolado" do ensino. (Do L'OSSERVATORE ROMANO de 31/10/64).*

Senhores Cardeais ! Veneráveis Irmãos !

Revmos. Sacerdotes, Religiosos e Religiosas !

Prezados e valorosos Católicos !

A vós todos que tendes participado do Convênio promovido pelo Secretariado Catequético Nacional para tratar do tema "Pastoral e Escola Secundária". Nossa saudação, a expressão de Nossa complacência, Nosso caloroso encorajamento.

Pelo próprio fato da convocação deste Convênio, pelo número e qualidade dos representantes e, mais ainda, pelo conteúdo das relações efetuadas e discussões nos grupos de estudo, conforme as notícias extraídas dos jornais, bem temos razão Nós para Nos alegrar com os promotores, relatores e participantes, como de um acontecimento importante e promissor, a que poderemos Nos limitar e dar o Nosso aplauso e a Nossa bênção, tanto Nos parece ter êle se conduzido com seriedade e competência e animado de generosos e concretos propósitos. Mas, a vossa Assembléia concerne a questões de tão alto interesse e de tão viva atualidade, que Nos pareceria não ter reconhecido seu valor se Nós mesmo, embora renunciando a qualquer pretensão de originalidade e plenitude, não acrescentássemos às palavras, por vós pronunciadas e ouvidas, uma palavra Nossa, fôsse mesmo só para corresponder a vosso desejo e fazer eco à voz de tão frutuoso Convênio.

### **Necessária a presença dos católicos nos problemas escolares**

Devemos, portanto, manifestar a Nossa satisfação pelo despertar das atenções e solícitudes que o grande e fundamental problema escolar vai suscitando no campo católico, onde uma tradição honradíssima de estudo, atividade e obras prova o empenho com que homens e instituições têm acompanhado, favorecido e promovido o desenvolvimento da escola italiana; auguramos também que êsse despertar seja ampla e ordenadamente incentivado, não só nos ambientes diretamente interessados, isto é, os escolares e pedagógicos, não só na esfera de políticos e veículos da opinião pública — tal animação será já ótimo serviço — mas também em quantos têm interêsse pela honra e incremento da escola, nas famílias especialmente, e no povo, de modo que ao processo de evolução e desenvolvimento da mesma escola se faça acompanhar o de uma consciência escolar comunitária, iluminada por sãos princípios, por notícias exatas e eficazes critérios diretivos.

Se os católicos têm obrigação de concorrer com senso de responsabilidade para o bem-estar da vida nacional, não podem certamente permanecer insensíveis ou inertes diante dos novos, imensos e decisivos problemas escolares, mas devem como cidadãos e principalmente como católicos se apaixonar por êstes problemas e prestar à então sempre progressiva solução o maior atendimento, a mais séria vigilância, a mais estudada discussão, a mais leal colaboração. Vosso Convênio Nos dá disso esplêndida prova. Eis por que vos testemunhamos Nosso reconhecimento. Somente fazemos votos que suas resoluções venham a ser práticas e eficazes; e auguramos portanto que não seja isso, como se costuma dizer, um ponto de chegada, antes porém um ponto de partida para nova e profícua atividade em favor da escola.

### **Para o bem moral, espiritual e religioso da escola**

Devemos pois salientar com não menor satisfação que vosso Convênio tem concentrado seus assuntos sôbre um aspecto particular desde o ilimitado problema escolar ao de pastoral, isto é, àquele que considera as razões e modalidades para infundir na escola aquêles reflexos de vida cristã que sejam conformes ao espírito e finalidade de tal instituição e que lhe conferem no mais alto grau a possibilidade e fortuna de ser verdadeiramente educativa. E, além do mais, tendes limitado vosso estudo à escola secundária. Êsse método está bem, seja porque nesses complexos e delicados temas carece levar aquêle senso de limite que permite aprofundar e especializar, isto é, tornar válido, seja porque tendes firmado vossa atenção naquilo que concerne principalmente à competência e interêsse da Igreja: a ação pastoral.

Esta maneira de considerar o problema escolar determina uma escolha de temas e de argumentos que certamente não renuncia à completa visão do problema mas lhe considera um só dos dois aspectos complemen-

tares e nêle se detém. O problema escolar, como outros pertencentes à vida do homem, pode ser considerado sob o aspecto do direito ou sob o do dever. Em geral, a discussão sôbre o tema escolar empenha-se sôbre o primeiro aspecto, sôbre o direito da função escolar e, sem descúrar do segundo aspecto, o do dever relativo ao exercício de tal função, afirma, a respeito de tal direito, princípios e desenvolve doutrinas de suma importância. Como é sabido, a Encíclica *Divini illius Magistri* do Papa Pio XI, de 31 de dezembro de 1929, sôbre a educação cristã da juventude, baseia-se precisamente sôbre êste aspecto do direito de educar e instruir, que compete, embora diferente quanto à forma e medida, à família, à Igreja, ao Estado. E neste ponto, sempre ficam grandes coisas por dizer; a teoria e a prática precisam sempre de novas afirmações e novas aplicações que fazem do problema escolar um dos temas mais nobres, mais difíceis, mais controversos da vida, tanto pública como particular, religiosa como civil. Teríamos Nós também alguma observação, algum relêvo e algum voto a propósito; preferimos, porém, nesta ocasião, ater-Nos ao quadro que vós Nos apresentais qual é o do dever que a Igreja em primeiro lugar e os católicos depois e com êles os pais, os bons cidadãos e as autoridades escolares têm para com a escola, para o seu bem moral, espiritual e religioso. Não se pode de fato separar o conceito de atividade pastoral daquele do dever, do serviço, do cuidado, da dedicação. Escolhendo êste aspecto do problema escolar, deixais por ora de discutir sôbre vossos direitos; quereis falar a vós mesmos, à escola e a quantos vos escutam sôbre os vossos deveres.

A missão pastoral se configura espontâneamente no conceito evangélico, comum a todos desde já, como um dom da própria vida pelo bem do próximo: "O bom pastor expõe a sua vida pelas ovelhas" (*Jo 10,11*) — diz Jesus; e vós, acrescentando à categoria pastoral a vossa atividade pela escola, tendes lhe dado a intenção de um supremo amor, o de consagrar a vida em proveito dos outros. "Ninguém tem maior amor do que aquêle que dá a sua vida por seus amigos" (*Jo 15,13*). Verdadeiramente, essa atitude, que conhece a gratidão, o afeto, a perseverança, o sacrifício do serviço, de per si classifica a excelência da atividade pastoral escolar no confronto, ou melhor, no concêrto das outras atividades nobilíssimas dirigidas para o bem da escola. O amor materno precede e vale o do mestre, ainda que a êste toque em seguida o sábio exercício da específica função escolar. A dedicação amorosa e afetuosa ao serviço da educação da juventude precede e inspira a pedagogia, a didática, a estruturação técnica e administrativa da escola; e vós, que quereis ser promotores e campeões de tal devotamento pela perfeita educação cristã e civil de nossos filhinhos, adquiris um primeiro mérito, professando e, quase tácitamente, proclamando a soberana dignidade da escola, justamente porque ela merece e exige ser assim amada e servida.

## Completa dedicação em nome do Divino Mestre

Agradecido, veneráveis Irmãos e ótimos filhos, por êste testemunho do culto que a Igreja e católicos professam pela escola. Nós mesmo disso aproveitamos para enviar Nossa abençoada saudação a tôdas as boas escolas públicas e particulares; aos que as promovem e dirigem, àqueles que nelas exercem a delicada e sublime missão de educadores e de mestres, aos que estudam as questões à luz da verdadeira sabedoria, aos pais que confiam na escola sem se exonerar de seus deveres de vigilância e colaboração, às multidões inumeráveis da queridíssima juventude que enche a escola e a anima com sua vivacidade, bondade e aspiração para a vida e verdade.

Vosso Convênio constitui um empenho: o de dar à escola, à secundária especialmente (à da adolescência que se acha na encruzilhada das numerosas vias que a sociedade moderna e a consciência dos novos tempos abre a ela), o máxime interêsse e o mais iluminado e desinteressado serviço.

Isto deve ser dito da escola em geral, principalmente da organizada pelo Estado, a qual é sem comparação a mais desenvolvida em suas rédes institucionais e a mais freqüentada e, por isso mesmo, a mais carecida de afeiçoada e discreta porém ótima assistência pastoral; e diga-se também, e com maior razão, daquela escola que depende da autoridade eclesiástica e para cuja sobrevivência obrigam-Nos motivos especiais e evidentes.

Vossa Assembléia tem nobremente ilustrado as várias formas em que a pastoral escolar deve ser explicada hoje na Itália; e Nós pensamos que pelas relações e conclusões do Convênio tomar-se-ão mesmo providências para que seja dada conveniente difusão, de modo que esta resenha de considerações teóricas e de sugestões práticas tenha a eficácia fecunda que merecem a sabedoria dos oradores e a importância dos temas tratados.

Queremos também acrescentar a Nossa recomendação sôbre duas questões particulares para que tenham contínuo estudo e divulgação, tão importantes e urgentes parecem.

## O "ars artium" aguarda novos apóstolos

A primeira é a que diz respeito ao abastecimento — *sit venia verbo* — dos professôres para a escola secundária. A êste propósito tendes oportunamente notado como, de um lado, tem crescido enorme e inesperadamente a necessidade de novos lentes pelo fato do aumento dos cursos de ensino e população escolar: a escola precisa de gente que lhe assumam as funções indispensáveis do ensino. De outro lado, foi notada uma diminuição, nestes últimos tempos, na afluência de novos profissionais na carreira escolar; outras formas de estudo e de emprêgo atraem, hoje, as novas gerações. Assim se esboça, também por êsse lado, uma séria di-

ficuldade para infundir na nova escola italiana aquela eficiência e rigor científico e didático que está nos desejos comuns.

Destarte será grande e oportuna providência se também pela parte católica (quiséramos antes augurar, especialmente pela parte católica), se cuidar de encaminhar na profissão do ensino novas levadas de jovens voluntários bem preparados no dever, seja cultural ou moral da escola, e convencidos de que a arte do mestre, ainda que às vezes inferior em proveito econômico a outros empregos modernos, permanece sempre, como diz Crisóstomo, a “arte das artes”, a nobilíssima escolha de quem queira dar à própria vida o valor de uma missão espiritual.

Fazemos votos por que as faculdades universitárias que preparam os estudantes para o ensino saibam atrair um maior número de candidatos e saibam dar a seus cursos novo esplendor de estudos e novo interesse aos respectivos tirocínios.

### **Mérito dos que guiam as almas juvenis para a verdade**

Nossos augúrios vão particularmente para a benemérita e florescente Universidade Católica de Milão, da qual esperamos possa afluir para a escola novo contingente de ótimos lentes. A lembrança vai também para os dois institutos universitários dos religiosos: o de Castelnuovo Fogliani, anexo à supramencionada Universidade Católica, e o de Maria Santíssima Assunta, em Roma. Expressamos a confiança que estes institutos providenciais adquiram novo incremento em razão das novas necessidades de que as escolas católicas, a que as bondosas religiosas consagram sua louvável atividade, devem tomar conhecimento para o desejado desenvolvimento escolar.

A ocasião, além disso, se nos oferece para encorajar as “vocações escolares”, tanto religiosas como leigas. Quantos espíritos jovens procuram um ideal para servir, um objetivo que lhes encha dignamente a vida, um caminho para oferecer à sociedade pensamentos e energia que renovem o sentimento, a cultura, o vigor moral! Quiséramos exortar aqueles espíritos abertos aos grandes pensamentos e a humildes sacrifícios a refletirem se a escola não lhes é um chamado, uma missão que pode lhes preencher a vida do modesto e monótono exercício do ensino, é verdade, mas ao mesmo tempo que a possa cumular de incomparável alegria de abrir almas jovens ao colóquio da verdade e do bem, e do inestimável mérito de ter percorrido as pegadas de Jesus Mestre.

### **A mais alta e necessária missão**

Nossa outra recomendação refere-se ao ensino religioso nas escolas, atividade primordial do cuidado pastoral escolar. Ainda sobre este tema de capital importância tendes sabiamente firmado a atenção; tendes recolhido material informativo e estatístico, feito o balanço dos resultados tanto positivos quanto negativos, exprimindo excelentes propósitos. Muito bem. Não podemos senão solicitar uma aderência cada vez maior a

tais problemas, seja da parte de quem preside e guia tal ensino, seja do lado dos professôres de religião na escola, ou ainda da parte dos estudantes de cuja bravura e sensibilidade Nós mesmo temos tido consoladoras esperanças, especialmente quando Nos foi dado presidir em Milão as premiações do concurso "Veritas" : ainda lhe saboreamos a bellissima recordação.

E não podemos deixar de augurar que tal ensino, de comum propósito, para renovada exigência possa dar "um passo à frente"! Queira Deus que êsse passo adiante consiga fazer chegar ao ensino religioso nas escolas a linha que a dignidade da matéria e seriedade da escola exigem absolutamente. Quiséramos antes de tudo que o exercício dêste ensino tivesse sempre mais no ânimo do mestre o senso de um ministério espiritual de primeira ordem, digno de ser cumprido com ânimo isento de cálculos venais ou de conceitos puramente profissionais e que o mestre em primeiro lugar se sinta ligado a êle apaixonadamente como a razão de sua vida. Quiséramos que o mestre sempre fôsse melhor qualificado, seja na arte pedagógica própria de quem transmite uma verdade vital e maravilhosa, seja na consciência ordenada e aprofundada nas grandes realidades religiosas das quais deve êle tratar com a juventude de hoje.

### **Fundadas esperanças para o fervor da comunidade eclesial**

Quiséramos que novas iniciativas fôsem experimentadas para recrutar, preparar, seleccionar, aprovar e atualizar os professôres de religião : número e qualidade são hoje exigidos em medida crescente. Enfim, quiséramos que o ensino religioso nas escolas, conservando método, espírito e limite que lhe são fixados, fôsse considerado e coordenado numa pastoral de conjunto, com a educação familiar e formação para a vida litúrgica da comunidade eclesial, problemas êstes que oferecem à boa vontade do clero, dos religiosos e do laicato um estímulo para fecundos e atraentes trabalhos apostólicos.

O objetivo de vosso Convênio reclamaria de Nós ainda muitas coisas, especialmente se devêssemos recordar certos fenômenos que neste momento agitam a vida estudantil; mas devemos pedir vênia se já nisso vos temos entretido demasiado; e ainda o faremos agradecendo-vos por tudo quanto o Convênio Nos traga de consolações e de esperança; exortando ainda vosso zêlo para um grande amor à escola e cuidado pastoral que hoje ela reclama; invocando enfim sôbre vós a proteção de Maria, Sede da Sabedoria e de Santo Agostinho, sublime mestre, cuja festa celebramos, e dando a todos, de todo coração, a Nossa bênção apostólica.



*Em dois mil anos, muitos pormenores mudaram, muitas adaptações se fizeram na Igreja. O que não muda, porém, é a religião de Cristo. Hoje, tal como nos primeiros tempos cristãos, embora sob formas talvez diferentes, a vida da Igreja ou será comunitária ou será infiel a Cristo.*

# Presença e Repercussão da CRB

## A propósito de uma viagem

PADRE TIAGO G. CLOIN, C.S.S.R.

*Secretário-Geral*

**É** INDISCUTÍVEL a repercussão que nossa Conferência vem tendo, cada vez mais, pelo País afora e no exterior. Algumas rápidas impressões da minha última viagem poderão ilustrar êste fato.

### **Encontro em Pôrto Alegre**

18 a 19 de agosto do corrente. A convite do Secretariado Regional Sul II da CNBB, participei, na capital gaúcha, em um *encontro de todos os bispos dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina com todos os superiores maiores desta região*, no qual se trataram, em franco diálogo, alguns importantes assuntos comuns a respeito do apostolado dos religiosos. Foi a primeira reunião dêste gênero no Brasil e, se não gravemente me engano, a primeira na história da Igreja!

Tive a oportunidade de expor perante êste ilustre auditório quatro pontos de alta significação para ambas as partes: 1) os religiosos e o "Plano de Emergência" da CNBB; 2) as relações entre bispos e superiores e superiores maiores quanto ao apostolado dos religiosos; 3) a renovação da atividade apostólica dos religiosos conforme os apelos da Igreja no Brasil; 4) a "política" de fundar novas casas religiosas. Em seguida, estudaram-se, em uma série de mesas-redondas, alguns problemas particularmente delicados, entre os quais "os religiosos e a orientação da Ação Católica, precipuamente da JEC" e "a participação dos religiosos na renovação educacional nos colégios". Nunca assisti a um diálogo entre bispos e superiores maiores, tão aberto e tão franco, que não excluía críticas sérias, embora em sentido construtivo, de ambas as partes.

É êste, a meu ver, o caminho certo para chegarmos a um adequado entrosamento do apostolado dos religiosos com a pastoral da Hierarquia.

### **Assembléia da Conferência dos Religiosos do Canadá**

De 21 a 25 de agosto, celebrou a Conferência dos Religiosos do Canadá, em Ottawa, o seu X aniversário com uma *Assembléia extraordinária*,

cujo tema era “a inserção da vida religiosa no mundo atual”. Entre as conferências de religiosos especialmente convidadas a participar nas solenidades e trabalhos, figurava a do Brasil. A Conferência canadense tinha reunido, para esta ocasião, alguns conferencistas de fama mundial. Dois dêles discursaram sobre os *polos* da inserção: o Revmo. Padre Fr. Houtart, Diretor do Centro de Investigação Sócio-Religiosa de Bruxelas (Bélgica), aprofundou a visão sociológica do mundo atual, e o Revmo. Padre René Voillaume, Fundador e Superior Geral da Congregação dos Irmãozinhos e Irmãzinhas de Carlos de Foucauld, de Marselha (França), apresentou a visão teológica da vida religiosa, realçando de modo particular o espírito de pobreza. Da exposição sobre os fundamentos bíblicos estava incumbido o Revmo. Padre McKenzie, S.J., Diretor do Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Acompanhou todos os trabalhos o Exmo. Dom Flahiff, ex-Presidente da Conferência dos Religiosos do Canadá e atual Presidente da Conferência dos Bispos deste país.

A convivência dos assembleístas com o Padre René Voillaume, que fez uma série de palestras à margem das reuniões plenárias da Assembléia, foi para todos, superiores e superiores maiores, como que um “nôvo batismo” quanto ao espírito de pobreza, tão ameaçado em países superdesenvolvidos como é o Canadá.

Em sessões reservadas aos delegados da Conferência do Canadá, Estados Unidos, França e Brasil, e com a presença de representantes da Sagrada Congregação dos Religiosos e do Conselho Romano de Superiores Gerais, trataram-se vários problemas gerais das Conferências, entre os quais as relações entre a Conferência dos Religiosos e a dos Bispos e o entrosamento do apostolado dos religiosos na pastoral da Jerarquia. A exposição sobre a atual situação no Brasil quanto a estes dois pontos, baseada no crescente entendimento entre as duas Conferências e nas experiências feitas no Nordeste e recentemente no Sul II, surpreenderam de tal forma a todos, que afirmavam ser o Brasil, neste particular, um modelo para os demais países.

## II Congresso Internacional do PRO MUNDI VITA

De 7 a 11 de setembro, participei no II Congresso do PRO MUNDI VITA, em Lovaina (Bélgica). Como os nossos leitores se lembram, pretende o PMV contribuir, através de seu Centro Internacional de Informação, para *uma mais inteligente distribuição do pessoal apostólico sobre as regiões espiritualmente necessitadas do mundo inteiro* (cf. *Revista da CRB*, 1963, pp. 645-651). A participação no Congresso era semelhante à do I Congresso do ano passado em Essen (Alemanha): uns duzentos representantes de institutos e especialistas interessados, entre bispos, superiores e superiores gerais e provinciais, responsáveis por organizações apostólicas do clero secular e de leigos, especialistas em teologia, missiologia, sociologia religiosa etc., oriundos de todos os continentes. Além de um delegado da Sagrada Congregação dos Religiosos (como no ano passado),

estavam outrossim presentes representantes da Sagrada Congregação de Propaganda Fide e da Pontifícia Comissão pró América Latina.

Enquanto no Congresso de Essen predominavam representantes de países germânicos, teve o Congresso de Lovaina um cunho muito mais românico, havendo as conferências sido pronunciadas quase tôdas em francês, com tradução simultânea para o inglês e o alemão.

Uma comissão especial tinha elaborado com antecedência os estatutos do PRO MUNDI VITA, cuja estrutura geral é a seguinte: o PMV é uma fundação de direito internacional, fundada por um pequeno grupo de pessoas, entre as quais o Secretário-Geral da CRB, que levaram adiante a idéia de uma mais inteligente distribuição de pessoal apostólico na Igreja universal. Os fundadores, por mútuo entendimento, convidaram representantes dos vários continentes, com altos cargos de responsabilidade a respeito do dito pessoal apostólico e interessados na idéia fundamental do PMV, a integrarem, juntamente com os mesmos fundadores, a Assembléia do PRO MUNDI VITA, na qual estão representados não apenas países que dispõem de relativa abundância dêsse pessoal como também aquêles que do mesmo estão carecidos, a fim de por esta forma evitar qualquer paternalismo ou colonialismo religioso.

Na véspera do Congresso — que tinha por tema geral “A responsabilidade universal dos cristãos” — a sede central do PRO MUNDI VITA foi transferida de Tilburg (Holanda), onde o Movimento nasceu, para Bruxelas (Rue de la Limite, 6), centro de grande número de organizações católicas internacionais.

Entre os conferencistas que se destacaram de modo particular realçamos: 1) o Revmo. Padre P. Goossens, C.I.C.M., Secretário-Adjunto da Conferência dos Bispos do Congo-Leopoldville, que fez uma penetrante análise dos “elementos de base de um plano de ação apostólica”, interpretando o plano de pastoral do Congo no contexto da situação revolucionária dêste país; 2) o Padre J. Bruls, S.A.M., Diretor da Revista *Eglise vivante*, de Lovaina, sôbre o mútuo enriquecimento que, através da ajuda em pessoal e em dinheiro, pode resultar não apenas para os países necessitados mas também para os que gozam de certa “abundância”; 3) o Exmo. Sr. E. De Smedt, Bispo de Bruges (Bélgica), falando sôbre a responsabilidade dos bispos, deu um magnífico testemunho da mobilização de uma diocese, bispo em primeiro lugar, depois clero, religiosos e leigos, em favor dos países espiritualmente necessitados; 4) o Ilmo. Sr. Ph. Farine, Diretor do Comitê católico contra a fome, de Paris, fez vibrar o auditório com seu discurso sôbre a responsabilidade dos leigos; 5) o Revmo. Padre C. Tórres, Professor de Sociologia religiosa, de Bogotá (Colômbia), tratando do tema “Programação econômica e exigências apostólicas”, deu uma profunda visão sôbre a relação entre os valores terrestres e a evangelização num planejamento pastoral; 6) o Revmo. Padre E. Schillebeeckx, O.P., principal teólogo do Episcopado holandês no Concílio Vaticano II, encerrando o Congresso com uma magistral exposição sôbre a “teologia da eficiência do apostolado”.

Nos grupos de trabalho, o Brasil deu uma contribuição altamente apreciada pelos congressistas, comunicando o projeto de a Conferência dos Bispos e a Conferência dos Religiosos do Brasil fundarem juntos um "Serviço de cooperação apostólica internacional" que concretize para o Brasil o ideal do PRO MUNDI VITA, organizando um triplo serviço para o pessoal apostólico que vem trabalhar em nosso País : 1) de acolhimento na chegada; 2) de orientação quanto às prioridades de áreas demográficas e setores de pastoral em que trabalhar; 3) de assistência posterior, se necessário. A conclusão geral do grupo de trabalho era que o Brasil, quanto ao realizar os objetivos do PMV, está marchando na frente.

### **Na Alemanha**

Junto com o Revmo. Padre Afonso Gregory, DD, Diretor do CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social), fundado pela Conferência dos Bispos e pela Conferência dos Religiosos do Brasil, visitei as *grandes organizações católicas* que estão prestando ajuda a países necessitados : 1) a OSTPRIESTERHILFE do Revmo. Padre Werenfried van Straaten, O.Praem.; 2) a MISEREOR dos bispos da Alemanha para financiamento de projetos sócio-econômicos em países em vias de desenvolvimento; 3) a ADVENIAT, também dos bispos da Alemanha, para financiamento de projetos apostólicos na América Latina.

Apresentei a ADVENIAT o grande projeto de um Centro comum de estudos teológicos em Curitiba, no qual tôdas as dioceses dos Estados do Paraná e de Santa Catarina e tôdas as províncias religiosas desta área estão participando. Sentimos particular interêsse das três organizações em ajudar financeiramente o CERIS como sendo um dos principais instrumentos da renovação pastoral no Brasil. Está previsto que estas organizações incumbirão o CERIS de uma só série de investigações no Brasil, pagas por elas.

### **Em Roma**

Aqui permaneci umas três semanas, tratando assuntos de interêsse da CRB e respirando simultâneamente um pouco o ar benéfico do Concílio.

#### *1. Junto à Sagrada Congregação dos Religiosos*

Com certa antecedência fôra enviada já a êste sagrado Dicastério o relatório anual da CRB. Soube agora de sua grande satisfação sôbre as atividades da nossa Conferência em geral e do desenvolvimento das boas relações entre ela e a Conferência dos Bispos. Já antes da minha chegada, o Exmo. Sr. Cardeal-Prefeito, o Exmo. Sr. Secretário e vários consultores da Sagrada Congregação tinham se reunido para examinar o

relatório, particularmente a parte respeitante às relações entre superiores e superiores maiores e os bispos quanto ao apostolado dos religiosos. Foi-me comunicado oralmente que a Sagrada Congregação concordava com os princípios, mencionados no relatório, que regem estas relações. Em seguida, fui solicitado a elaborar um outro relatório mais extenso, explicitando os princípios que regem o entrosamento do apostolado dos religiosos e religiosas na pastoral da Jerarquia, com a intenção de encaminhar êstes mesmos princípios através de porta-voz de uma conferência nacional de bispos e de outro do Conselho Romano dos Superiores Gerais para a Aula conciliar e para a Comissão de Revisão do Código de Direito Canônico.

## 2. *Encontro com as superiores gerais*

Como no ano passado, foi-me dada a oportunidade de ter um encontro com as superiores gerais que têm casas na América Latina e no Brasil em particular, fazendo-lhes uma exposição sôbre alguns aspectos peculiares do apostolado das religiosas em nossa Pátria, com o intuito de lhes facilitar o julgamento sôbre a necessária adaptação do apostolado das religiosas à realidade brasileira, conforme os apelos da Jerarquia. A Secretaria do Conselho Romano das Superiores Gerais fêz a convocação para a reunião que se realizou na Casa Generalícia das Ursulinas. Representavam a Conferência dos Bispos do Brasil o Exmo. Sr. Dom Eugênio de Araújo Sales, Administrador Apostólico de Salvador, e o Exmo. Sr. Dom Geraldo de Milleville, C.S.Sp., Bispo-Auxiliar de Fortaleza e encarregado das religiosas naquela arquidiocese.

Com vivo interêsse seguiram as mães gerais a exposição sôbre : 1) as grandes linhas da renovação da pastoral no Brasil; 2) a colaboração entre a CRB e a CNBB e as relações entre superiores e superiores maiores e bispos; 3) a renovação das atividades apostólicas das religiosas no Brasil. As superiores gerais apreciaram sobremaneira como a CRB está dirigindo, em nível nacional e regional, a atualização do apostolado das religiosas e como a renovação da pastoral no Brasil está valorizando de modo particular o apostolado das religiosas através de tarefas de responsabilidade nos secretariados da CNBB e departamentos da CRB e nos encontros de planejamento de pastoral nacional e regional.

Uma superiora geral, que tinha assistido à conferência que durou mais de duas horas, me convidou depois por telefone a fazer ao Conselho Geral da Congregação uma exposição sôbre as particulares possibilidades de apostolado fecundo para as congregações femininas no Brasil, dentro do espírito da renovação da pastoral. Conseqüência desta exposição foi que o Conselho Geral decidiu, em princípio, estender sua Congregação ao Brasil, aceitando uma fundação aqui.

### 3. Com a Conferência dos Bispos do Brasil

Entrementes, estava a CNBB realizando sua VI Assembléia ordinária, parcialmente na "Domus Mariae", onde a maioria dos bispos brasileiros estão hospedados, parcialmente no vizinho Colégio Pio Brasileiro. Era o momento propício não apenas para mim como também para muitos exmos. srs. bispos de tratarmos uma multidão de assuntos, quer particulares, por exemplo a respeito de novas fundações de religiosos e religiosas nas suas dioceses, quer gerais das duas Conferências.

No dia 12 de outubro, presenciei a concelebração da missa em português oficiada pela nova Comissão Central da Conferência dos Bispos; eleita poucos dias antes, inaugurando seu mandato, concelebração esta que causou uma profunda impressão não apenas nos próprios bispos concelebrantes como também na numerosa "comunidade" participante, composta da grande "colônia" brasileira e de muitos simpatizantes de vários continentes, entre bispos e sacerdotes, com a maior nação católica do mundo.

Tive os primeiros contatos com o novo Presidente, Dom Agnelo Rossi, e o novo Secretário da CNBB, Dom José Gonçalves, C.S.S.R., como também com vários bispos responsáveis pelos secretariados nacionais da mesma CNBB, particularmente com o do Secretariado de Pastoral Extraordinária e com o do Secretariado de Apostolado das Religiosas, dois secretariados da CNBB que dizem respeito de modo particular aos religiosos.

Senti quanto entendimento e quanta simpatia reinam no momento entre as duas Conferências, que considero um dos fatores mais propícios para a rápida extensão e intensificação de renovação pastoral em nossa Pátria.

### Novos institutos religiosos para o Brasil

Um dos principais objetivos da minha viagem anual, como Secretário-Geral da CRB, é sempre o de conseguir *novas congregações para o nosso país*, dentro do espírito e critérios do PRO MUNDI VITA. Aproveitei neste sentido especialmente a minha estadia no Canadá, na Holanda e em Roma. No Canadá consegui explorar os resultados concretos do Encontro em Cuernavaca do ano passado (cf. *Revista da CRB*, 1963, pp. 503-507). Uma meia dúzia de institutos religiosos e institutos seculares me procurou espontaneamente, pedindo orientação quanto às áreas demográficas e setores apostólicos em que trabalhar no Brasil. Na Holanda senti a influência da presença da CRB no Congresso do PMV de Essen e de Lovaina, tendo sido procurado por mais três congregações em vista de uma fundação no Brasil. Acrescentando mais dois institutos com que tratei em Roma a vinda para a nossa terra, chegamos a uma dúzia de congregações e institutos seculares que brevemente virão reforçar as nossas fileiras apostólicas. Além da repercussão da nossa Conferência no exterior, está contribuindo, para esta simpatia dos institutos religiosos da Amé-

rica do Norte e da Europa para com o Brasil, o melhor conhecimento e conseqüente admiração pelo dinamismo apostólico, resultante da renovação pastoral que está se manifestando no Brasil, exemplificado de modo particular pelo "Movimento de Natal", como pastoral conjunta de bispos e religiosos do Nordeste.

\*  
\*   \*  
\*

Terminando estas rápidas impressões de viagem, concluo, sem perigo de exagerar, que entre as conferências de religiosos do mundo inteiro, é a nossa CRB que goza de maior repercussão. Isto impõe à Conferência dos Religiosos do Brasil uma particular responsabilidade, da qual, não raras vêzes, me senti vítima. Com efeito, em todos os países que percorri, me vieram insistentes convites para fazer conferências e palestras ou para participar em encontros, relacionados com a situação da Igreja em nosso Continente. Embora os muitos compromissos não me permitissem aceitar todos, contudo, cõscio da responsabilidade que a CRB tem, me esforcei por não decepcionar demais, recusando.

Constatei por tãda parte uma verdadeira avidez de receber informações objetivas e pormenorizadas sãobre a situação da Igreja em nosso Continente, que está atualmente no centro da atenção do mundo católico. Percebi outrossim que os nossos amigos lá fora — bispos, clero, religiosos e leigos — não se interessam tanto, em primeiro lugar, por uma exposição detalhada das nossas necessidades espirituais. Pois, êles já conhecem, pelo menos globalmente, a nossa situação que, aliás, se fõssemos a expõ-la de um modo por demais negativo, fãcilmente poderia levã-los ao desãnimo. O que lhe interessa, antes de mais nada, é uma visão clara das possibilidades apostólicas e as novas experiências pastorais em curso. Temas como "as grandes linhas da renovação pastoral no Brasil", "o entrosamento de apostolado dos religiosos e religiosas na pastoral da Jerarquia", "a valorização do renovado apostolado das religiosas" encontram enorme ressonãncia. E o auditório sempre me dava, de boa vontade, a absolvição prãvia de todos os "pecãdos" lingüísticos que eu ia cometer, falando em linguas diferentes da minha primeira e da segunda linguas maternas.

O mundo católico todo está acompanhando, com vivíssima atenção, o desenvolvimento religioso da Amãrica Latina em geral e do Brasil em particular. Se, de um lado, os nossos amigos não escondem suas preocupações, de outro, não escondem menos ainda sua esperanãa e admiração pelo esfãrço concentrado de tãdas as fãrças eclesiais vivas de nossa terra, tendo como um dos principais elementos o entrosamento do apostolado dos religiosos e religiosas na pastoral da Jerarquia. E muitos concluem que o nõvo Pentecostes, que o Papa João XXIII esperava do Concílio Vaticano II para a Igreja mundial, jã está se manifestando na revitalização da Igreja em nossa Pãtria.

Constituindo o clero religioso três quintas partes do total do clero no Brasil, e os irmãos, somados às religiosas, um exército quatro vezes mais numeroso que o clero, patenteia-se qual a responsabilidade dos religiosos, padres, irmãos e irmãs, na hora atual, para a Igreja no Brasil.

Oxalá, estejamos todos à altura de nossa vocação !



*...o mestre moderno... entende dever ser a mensagem liberal, larga, livre de restrições e mortificações. Nosso Senhor ensina que ela não há de ser liberal. De outro lado, em oposição à doutrina liberal, não era Ele de espírito acanhado; não era um revolucionário; não fazia uma inovação. Antes, realizava uma renovação. Sua doutrina produzia uma transformação. Ele começou por refundir a raça de Adão. Sócrates reformou as inteligências; Moisés, a lei; outros alteraram códigos, sistemas e religiões; Nosso Senhor, porém, não remodelou apenas uma parte do homem, mas o homem em toda a sua integridade, de cima a baixo, o homem íntimo, que constitui o móvel principal das suas palavras e das suas ações.*

MONS. FULTON SHEEN — em O Eterno Gallien



*Felicitemos nossos amigos e clientes, desejando-lhes um FELIZ NATAL e um ANO NOVO cheio de venturas e prosperidade.*

## Religiosos no Apostolado da Igreja

FREI JERÔNIMO HAMER, O.P.

*N. da R. — Proferida a 13 de janeiro de 1949 em Bruxelas, por ocasião de uma assemblêia de religiosos de diferentes institutos, publicou a Conferência Religiosa do Canadá, em seu órgão oficial, DONUM DEI ( n.º 9, 1964, apêndice, pp. 75-86), a conferência intitulada "Lugar dos religiosos no apostolado da Igreja" que traduzimos e ora apresentamos com a anuência do autor.*

**A**INDA que o problema permaneça atual, não constitui razão para encarmos aqui o estado de vida religiosa comparando-o ao do padre secular. Não temos que tratar dos estados de perfeição. Ficamos por fora das recentes discussões a respeito da "espiritualidade do clero diocesano".

Trata-se do apostolado dos religiosos e mais particularmente das condições em que êsse apostolado se exerce. Nas suas atividades, os membros de um instituto religioso escapam de um modo ou de outro à inteira autoridade do chefe da Igreja local. Êste não pode atribuir àqueles qualquer ocupação; não pode dispor dêles quando e como bem entende. O problema que temos de considerar é pois o da autonomia religiosa e da colaboração apostólica. Sob diversos aspectos, refere-se a tôdas as formas da vida religiosa que têm uma autoridade apostólica, desde a ordem monástica lá onde ela exerce um apostolado pròpriamente dito, até às congregações de irmãos professôres e hospitalares passando por tôdas as ordens clericais. Aliás, transborda a vida religiosa: há sociedades de vida em comum que gozam da mesma autonomia. Se vários dos argumentos, exemplos e pontos de aplicação dêste relato serão tomados da vida sacerdotal, não perderemos de vista a extensão do problema e o caráter universal das conclusões.

Em que consiste essa autonomia e quais as circunscrições? Lembremos que todos os institutos de direito pontifício gozam da autonomia do regime interno sob a forma de isenção plena ou parcial (1). Segundo

(1) Cf. E. FOGLIASSO — *Exemption des religieux*, no *Dict. de Dr. can.*, t. 5, col. 646-665 (abundante bibliografia); T. SCHAEFFER — *De religiosis and normam Codicis iuris canonici*, 3.ª ed.; Roma, 1949, pp. 789-801.

êsse estatuto, somente o superior dispõe de seus religiosos. É ele que os põe a serviço da autoridade diocesana, os remove ou os destina a novos cargos.

Certamente, essa autonomia não se estende pura e simplesmente à atividade apostólica. Para exercer o ministério da pregação entre os fiéis, é requerida a missão canônica do bispo local (2). Entre o aparecimento das ordens mendicantes e o Concílio de Trento, a missão canônica dos regulares vinha do Papa pela interpretação dos superiores religiosos (3). Por exemplo, essa missão era confiada ao padre pregador pela incorporação na Ordem (4). Depois do século XVI, êsses privilégios excepcionais foram retirados progressivamente. Hoje, depois do Código, a menos que se trate de um ministério a exercer dentro das sociedades completamente isentas, cabe ao chefe da Igreja local conferir a missão canônica. Mas impede que o Ordinário do lugar não possa exercer seus direitos a não ser sobre os religiosos que lhe são postos à disposição pelos superiores. O exercício da atividade apostólica numa diocese está também indiretamente afetado pela autonomia religiosa interna.

Qual é a finalidade dessa autonomia? A manutenção e o desenvolvimento da vida religiosa na sua própria linha supõe a competência do superior e desde então uma real independência do regime interno. Mais tarde, essa liberdade, tornada isenção, revelar-se-á como um instrumento de reforma. O mosteiro de Cluny que tinha obtido as maiores imunidades beneficiou nesse ponto os mosteiros que se lhe agregaram (5). Salvaguarda da fidelidade religiosa, a isenção tornou-se pelo fato mesmo a garantia da unidade. O surgimento das ordens mendicantes deu à autonomia traços mais precisos (6). A outorgação de novas liberdades pôs à disposição da Santa Sé e desde então da Igreja inteira as forças apostólicas de que a cristandade carecia urgentemente. Doravante estamos na presença de or-

- 
- (2) Câns. 1328, 1337, 1338. No seu discurso de 8 de dezembro de 1950, Pio XII relembra: "A isenção das ordens religiosas não está em oposição com os princípios da constituição dada por Deus à Igreja; ela não se opõe de modo algum à lei em virtude da qual o padre deve obediência ao bispo. Com efeito, segundo o Direito Canônico, os religiosos isentos estão sob a dependência do bispo do lugar tanto quanto o reclamam o cumprimento do *munus episcopale* e a boa organização da tarefa espiritual das almas" (A.A.S., 1951, t. 43, p. 28; *Doc. cath.*, 1950, col. 1671; cf. *N.R.Th.*, 1951, p. 180).
- (3) Cf. E. FEYAERTS — *De evolutie van het predikatierecht der religieuzen*, em *Studia catholica*, 1950, t. 25, pp. 177-190 e 225-240.
- (4) Cf. M.-H. VICAIRE — *Histoire de saint Dominique*, Paris, 1957, t. II, p. 72.
- (5) Cf. J.-F. LEMARIGNIER — *L'exemption monastique et origines de la réforme grégorienne*, em *A Cluny. Congrès scientifique (9-11 de julho de 1949)*, *Travaux du Congrès*, Dijon, 1950, pp. 288-340.
- (6) O regime das ordens mendicantes condicionará de hoje em diante toda isenção. Esta não será mais local, porém pessoal. — Do ponto de vista histórico, é preciso observar a mudança das finalidades. A isenção monástica foi progressivamente posta de forma a impedir as intervenções no governo dos mosteiros, na vida interna das comunidades. Para os Mendicantes, o privilégio de isenção organiza a atividade apostólica.

dens centralizadas submetidas a superiores em contato estreito com o Papa. Após diversas vicissitudes, êsse regime condiciona ainda hoje a disponibilidade dos institutos religiosos para os cargos apostólicos.

No momento em que o estudo de uma pastoral de conjunto está na ordem do dia, quando, entre outros, há planos que são elaborados para uma melhor distribuição das paróquias e para a estrutura da evangelização, uma reflexão teórica e teológica se impõe sôbre a autonomia que deve permitir aos religiosos o introduzir-se em seu lugar e com uma total eficácia na convergência das tarefas da Igreja.

### Regime de autonomia e competência especializada

Que significa a aprovação de um instituto religioso?

Pelo fim a que se propõe uma sociedade, a Santa Sé reconhece a *resposta a uma necessidade da Igreja*; permite organizar socialmente a consecução dêsse fim e oferece garantias de eficácia e de estabilidade aos que nêle querem se empenhar. Numa palavra, a Santa Sé reconhece não somente um serviço mas *uma ação da Igreja*.

Os serviços são múltiplos e diversos. Os institutos votados exclusivamente à vida contemplativa estão fora do nosso propósito. Aquêles que estão diretamente empenhados em tarefas apostólicas são difíceis de classificar. Talvez haja um meio de destacar duas grandes categorias, reconhecendo entretanto que a fronteira não pode ser facilmente traçada (7). Todo instituto religioso é marcado ao mesmo tempo pelos seus misteres e pela sua espiritualidade. Conforme o tom aplicado a um ou outro dêsses polos complementares, estamos na presença de agrupamentos apostólicos cuja especialidade depende principalmente de atividades determinadas ou de uma espiritualidade definida.

Essas tarefas apostólicas são numerosas. Ressaltemos algumas: a pregação, o ensino, a imprensa, a formação do clero nos seminários, a educação cristã das crianças, a assistência corporal e espiritual aos doentes pobres, as missões estrangeiras, as missões paroquiais a evangelização das zonas rurais e a do mundo operário. Para outros institutos, essas atividades são explicitamente indicadas pelo fim; para outros, impuseram-se, no correr dos tempos, por causa de atitudes especiais e de uma formação apropriada. Nessa primeira categoria carece dar um lugar destacado às ordens e congregações cujo objetivo é o apostolado paroquial, o ministério comum no quadro diocesano, às vêzes com uma insistência sôbre o espírito colegial da equipe ou uma escolha restringida às paróquias populares.

Outros institutos, os da segunda categoria, propõem-se em geral levar dentro de um certo espírito uma vida religiosa apostólica cujas formas

---

(7) Para um primeiro acesso ao problema, prestará preciosos serviços a seguinte obra: *Dictionnaire des instituts religieux en France*, Centre de documentation sacerdotale, Paris (17, rue de Verenne), 1957. Neste volume de 160 pp. acharemos para cada instituto uma breve notícia com elementos de bibliografia.

variadas são determinadas pelas maiores necessidades da Igreja. Aqui o campo de apostolado não é limitado. As espiritualidades e as devoções é que são preponderantes: elas marcam o espírito dos membros desses institutos e a mensagem que eles têm como missão de propagar no mundo. São grandes devoções da Igreja: o Sagrado Coração, o Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora, Santa Teresa do Menino Jesus, o patrimônio espiritual da escola francesa e tantas outras.

Os religiosos desse grupo são de uma flexibilidade maior para se adaptarem às necessidades do momento e para corresponderem aos apelos apostólicos. A autonomia lhes garante, por outra parte, a mobilidade. Graças a ela, podem ir a tal ou qual ponto onde os reforços são particularmente reclamados. *Essa disponibilidade excepcional é na Igreja de hoje um capital espiritual cujo valor deve ser apreciado e todos os recursos postos em prática.* Os religiosos do primeiro grupo dispõem de um expediente menos largo: podem ser menos facilmente dirigidos num sentido ou noutro. Todavia, compensam uma certa falta de disponibilidade por uma maior especialização. Na verdade, as competências especializadas são acessíveis aos religiosos de todos os institutos sem exceção, mas desta vez trata-se de finalidades apostólicas que são inscritas na natureza das sociedades como tais. Quando uma ordem ou congregação é votada exclusivamente, ou a um título preferencial, à educação cristã da juventude, à evangelização do mundo operário, à pregação, aos cuidados e apostolado dos doentes, às missões estrangeiras, tudo é orientado nesse sentido. A especialização não é somente pessoal, é coletiva; marca a formação integral e condiciona toda a vida em comunidade. *A existência de grandes corpos de competências especializadas é um outro bem para a Igreja. São órgãos que ela dá a si mesma para enfrentar as necessidades do momento e prever o futuro.*

Essas competências especializadas não são um monopólio da vida religiosa. O clero secular tem ótimo sucesso nesse particular como o provam os assistentes nacionais da Ação Católica, as grandes obras supradocesanas e os serviços gerais do episcopado. Mas é importante observar que essas competências especializadas tendem, seja a título individual seja a título corporativo, a um estatuto de autonomia que não recebeu ainda sua consagração jurídica mas que presentemente é um fato (8). Por uma espécie de delegação implícita de todos os bispos da França, a assembléia dos cardeais e arcebispos nomeia para as funções da escala nacional os assistentes dos organismos cuja atividade se estende ao conjunto do território (9). Essa investidura coletiva confere por isso mesmo uma certa autonomia

(8) A *Mission de France* já tem seu estatuto canônico de autonomia. Vêde a esse respeito a Constituição *Omnium Ecclesiarum* de 15 de agosto de 1954, em *A.A.S.*, 1954, t. 46, pp. 567-574, e *Doc. cath.*, t. 51, col. 1153-1160. Lá acharemos um comentário no artigo do Mons. J. DENIS — *La préature "nullius" de la Mission de France*, em *L'année canonique*, 1954-1955, t. 3, pp. 27-36.

(9) Cf. V.-L. CHAIGNEAU — *L'organisation de l'Eglise catholique en France*, Paris, 1956, p. 49.

(real ainda que difícil de precisar) em relação a cada um dos membros do episcopado. Isso revela uma lei da natureza. Para se exercer, a competência especializada requer um regime de autonomia com relação às autoridades particulares e uma ligação direta a essas autoridades superiores que têm a guarda e a responsabilidade dos interesses gerais.

### Corpos especializados e serviço de catolicidade

Quer sejam de composição secular, religiosa ou mista, êsses corpos especializados operam uma ação de catolicidade. Fazem entrar a Igreja local no grande movimento da colegialidade. Uma diocese não pode fechar-se sobre si mesma. Se dispõe da plenitude do sacerdócio no seu chefe, não contém por igual todos os recursos concretos de que necessita para o desabrochar da vida cristã. Se ela pode comunicar a outras dioceses suas experiências próprias, poderá igualmente tirar proveito daquelas que viveram alhures. Ela será a primeira beneficiária das pesquisas sociológicas realizadas por grandes organismos equipados para um tal trabalho. Os estudos teológicos e pastorais difundidos por homens ou revistas podem fornecer sugestões interessantes. Um grande movimento de contatos e de permutas supõe a existência de corpos especializados. Muitas vezes é por êles que passam nas dioceses as grandes orientações romanas. Os impulsos criativos e vivos dos movimentos bíblico e litúrgico têm sido frequentemente a obra dêles.

Capacidade de universal e de permanente valor, a catolicidade não é entretanto um dom estático; é operada continuamente por todos os que exercem um ministério. Por suas obras de catolicidade e nelas, a Igreja reconduz sem cessar os homens à unidade de coração e de alma da comunidade cristã (*At* 4,32). Essa catolicidade se exerce segundo a escala da diocese no quadro da jurisdição ordinária do bispo local. Cabe-lhe vigiar para que a comunidade esteja aberta a tôdas as classes sociais, a tôdas as idades, línguas, culturas, raças eventualmente; e que possa eficazmente assimilar essa multiplicidade e riqueza. Mas, para o exercício da catolicidade em escala territorial, o bispo precisa do concurso de instrumentos que não estejam ligados a tal ou qual lugar geográfico.

Há uma outra dimensão no cargo episcopal. A existência de corpos especializados supradiocesanos ou universais deve corresponder sem dúvida ao desejo e cuidado daquele que exerce o cargo pastoral nos limites da Igreja particular, deve corresponder mais ainda às preocupações de uma responsabilidade episcopal concebida na sua integralidade. Além da jurisdição ordinária, os bispos têm uma jurisdição partícipe em comum com o Vigário de Cristo (10). Colegialmente possuída, essa jurisdição

---

(10) A respeito da colegialidade episcopal, ver Mons. A.-M. CHARRUE, Bispo de Namur — *Problèmes du clergé diocésain*, II, extrato dos *Mandements*, t. II, n.º 28, pp. 221-223; Ch. JOURNET — *L'Eglise du Verbe incarné*, t. I, Paris, 1941, pp. 500-511; Y CONGAR — *Jalons pour une théologie du laïc*, Paris, 1953, pp. 386-400.

não se aliciona à jurisdição suprema e universal do Papa. Confunde-se com ela. À frente da Igreja local, o bispo tem desde então um cuidado de catolicidade que ultrapassa tôdas as barreiras territoriais. É preciso lembrar aqui as palavras que Pio XI dizia a respeito das missões: *Não é somente a Pedro cuja Cadeira Nós ocupamos, mas ao mesmo tempo a todos os apóstolos de quem sois sucessores, que o Mestre ordenou ir por todo o mundo para pregar o Evangelho a toda criatura. Donde segue com evidência que se o cargo de propagar a fé Nos é incumbido, deveis, sem dúvida alguma possível, vir participar de nossos trabalhos e Nos assistir nessa tarefa tanto quanto o permita o cumprimento de vosso ministério local e pastoral* (11). É pelo motivo da comunhão de todo o episcopado católico na missão pastoral universal do sucessor de Pedro que os membros dos corpos especializados têm consciência de representar valores da Igreja que não são estranhos ao bispo local, mesmo que a Igreja diocesana não seja diretamente beneficiária como é o caso para as missões estrangeiras. É pois para responder a essa apelação inscrita na própria natureza do episcopado que os corpos especializados fazem passar a grande corrente da Igreja universal através das preocupações locais.

### Estado religioso e corpos especializados

Em tudo pusemos intencionalmente entre parêntesis a questão da vida religiosa como estado de vida (12). Não devemos concluir disso que ela esteja sem ressonância sobre a existência e atividade dos corpos especializados. Para essas funções, seculares e regulares têm claramente mostrado suas aptidões. É preciso assinalar todavia os elementos que, na vida religiosa, facilitam a adaptação a essas tarefas. Dando à procura da perfeição o caráter de um dom total e definitivo, o estado religioso conaturaliza o apóstolo com a mensagem de que é portador. Isso é verdade para o que afeta ao religioso nos misteres apostólicos em geral. Mas importa subli-

- 
- (11) **Rerum Ecclesiae**, 28 de fevereiro de 1926, em **A.A.S.**, 1926, t. 18, p. 69. — Em 21 de abril de 1957, dirigindo-se diretamente aos bispos pela Encíclica **Fidei donum**, Pio XII escrevia: “Unidos por um laço mais estreito tanto a Cristo como a seu Vigário, gostareis, Veneráveis Irmãos, de tomar vossa parte num espírito de viva caridade, nesta solicitude de tôdas que pesa sobre nossos ombros... Sem dúvida, foi só ao apóstolo Pedro e a seus sucessores, os Pontífices romanos, que Jesus confiou a totalidade de seu rebanho...; mas se cada bispo não é o pastor próprio senão da porção do rebanho confiado a seus cuidados, sua qualidade de legítimo sucessor dos apóstolos por instituição divina o torna solidariamente responsável pela missão apostólica da Igreja... Essa missão que deve abarcar tôdas as nações e todos os tempos não cessou na morte dos apóstolos; ela dura na pessoa de todos os bispos em comunhão com o Vigário de Jesus Cristo” (**A.A.S.**, 1957, t. 49, pp. 236-237; **Doc. cath.**, 1957, t. 54, col. 587-588).
- (12) A respeito do lugar do estado religioso no mistério da Igreja, ver as páginas dedicadas a êsse problema nos boletins de eclesiologia, **Rev. des Sciences phil. et théol.**, 1957, t. 41, pp. 557-559; 1959, t. 43, pp. 336-338.

nhar sobretudo como êsse estado prepara para as funções formalmente especializadas assegurando uma maior estabilidade numa mesma linha e possibilidades mais freqüentes de iniciativa criadora. Na vida religiosa como na vida sacerdotal ordinária, os fatores institucionais de dispersão são numerosos. É impossível manter sempre alguém no mesmo lugar. As necessidades da vida a isso se opõem. A mesma estabilidade nem sempre é desejável. A polivalência é ela também um valor humano de que se pode tirar proveito. Da noite para o dia, o professor de teologia pode se tornar provincial, assistente da Ação Católica, mestre de noviços. Mas a renúncia particular que os votos impõem permite reduzir êsses fatores de troca a um mínimo. O superior tem faculdade de utilizar um religioso segundo suas capacidades atuais, segundo o estado presente de suas forças vitais, sem levar em conta os direitos adquiridos, sem a preocupação de uma senectude a honrar ou de um mérito a recompensar. Sem dúvida, é para tais razões e para outras mais difíceis de explicar que várias iniciativas apostólicas de uma certa envergadura têm constituído a essência do religioso. Na Bélgica como na França, a ação social, o apostolado ecumênico, os movimentos da juventude são domínios onde a ação criadora dos religiosos tem sido preponderante. O fato é assaz universal, com exceção da Ação Católica especializada na Bélgica. Será necessário sublinhar ainda a contribuição dos religiosos do mundo inteiro nas ciências eclesiásticas? Tal relação não deixa de ter ressonância no apostolado.

### **Autoridades diocesanas e corpos especializados religiosos**

Hoje em dia as autoridades diocesanas destinam cada vez mais os padres seculares a cargos especializados. Devemos nos alegrar por isso, pois responde a uma necessidade da pastoral. Os progressos da evangelização do mundo moderno impõem essa orientação. No começo do século passado, logo após a Concordata de 1801, quando o trabalho pastoral era feito unicamente em plano territorial, *os padres foram quase todos ligados às paróquias sob diversos nomes: curas, sucursalistas, titulares, vigários, padres administradores, vigários colados; nas paróquias das grandes cidades havia padres catequistas, padres organistas e até diáconos e subdiáconos de ofício* (13). Era muito pequeno o número de padres que permaneciam ao lado do bispo para a administração, seminário e certas capelanias. Atualmente, as outras dimensões da vida social carecem cada vez mais de padres. Na escala diocesana, regional ou nacional, são precisos missionários para as missões internas, pregadores de retiros, capelães diretores de obras, diretores de ensino livre, conselheiros eclesiásticos de cinema, rádio e televisão, capelães de usina como na Itália, especialistas do apostolado operário, assistentes de associações profissionais...

(13) Y. DANIEL e G. LE MOUËL — *Paroisse d'hier... Paroisse de demain*, Paris, 1957, p. 218.

A repartição de tôdas as fôrças apostólicas deve ser feita segundo as urgências missionárias. Supõe um plano de conjunto que utiliza ao máximo as especializações já existentes e particularmente os institutos religiosos cuja vocação é de fornecer trabalhadores já orientados. Onde tal plano falha, achamo-nos às vêzes diante de uma situação paradoxal. No mesmo momento em que o clérigo secular assume determinados cargos para os quais uma ordem foi aprovada pela Igreja, à mesma ordem pede-se para assumir na diocese misteres para os quais ela não é destinada. Essa má utilização das fôrças é uma anomalia que a Igreja não pode permitir mais.

É preciso reconhecer lealmente que não somente há o defeito de um plano de conjunto que condiciona essa situação. Há razões mais profundas. As autoridades diocesanas têm a impressão muitas vêzes de que um religioso nunca está inteiramente empenhado no emprêgo que elas lhe confiaram: que êle não está plenamente devotado senão ao instituto do qual traz o hábito. Esse religioso que presta serviços imensos corre o risco de levar consigo o particularismo, uma personalidade um tanto pesada para o meio. Está não somente com a espiritualidade da Igreja, mas com práticas de devoção que têm um caráter mais contingente, com um espírito de corpo que se traduz às vêzes numa política de prestígio, com a lembrança de controvérsias de escolas, das quais a Santa Sé mais de uma vez precisou denunciar os excessos, com o cuidado igualmente das necessidades financeiras da coletividade à qual pertence, enfim, com uma mentalidade que nem sempre é própria e funcional. As autoridades diocesanas receiam também que o instituto se organize em diocese na diocese, em vista da vasta rede de relações pessoais que podem criar suas igrejas públicas, seus colégios, ordens terceiras, congregações, confrarias, obras de tôda espécie. Ademais, o religioso lhes parece às vêzes como um meteoro ou como um franco atirador que não entra no jôgo da diocese, que não tem a preocupação de se informar a respeito das diretrizes dadas pelo bispo do local, nem o desejo de usar poderes que êle recebe no espírito daquele que lhos dá.

Não advogamos uma causa. Não hemos de reconhecer ou contestar o bom fundamento dêsses temores. Basta-nos saber que os riscos estão na natureza das coisas e que as reações psicológicas são freqüentemente aquelas que descrevemos. Ninguém porá em paralelo a riqueza resultante dessas diferenciações com os inconvenientes assinalados. Mas ninguém aceitará também que iniciativas duvidosas venham possuir o brilho a respeito. As impressões que relatamos devem pois conduzir nossa atenção ao essencial. Na comunidade cristã, as competências especializadas constituem um serviço de Igreja, uma obra de catolicidade. Para uma ordem religiosa, não deve ser questão de ir à conquista de posições influentes ou de postos de comando para enriquecer um quadro de caça. Há uma humildade coletiva como há uma humildade individual; ambas são necessárias ao reino de Deus. Nossas contribuições pessoais devem somente ser as que ajudam a fazer da variedade humana um todo em Cristo; as que nos tornam mais aptos para entrar num programa de Igreja cujo agente de realização é o Espírito de Pentecostes em ligação com o corpo apostólico, continuado pelo corpo episcopal sob a direção dos sucessores de Pedro.

**Necessidade de uma atenção firme na especialidade dos institutos**

Quebra-se a harmonia da catolicidade quando não se respeita os próprios fins. Pedir a um instituto para que religiosos professôres aceitem importantes responsabilidades hospitalares é uma operação má no nível da Igreja. A formação e o ritmo de vida que preparam para o primeiro mister correm o risco de destruir os elementos de base que fazem a força desse instituto. Insistir com uma ordem exclusivamente missionária para que aceite de modo habitual paróquias na metrópole é tão prejudicial como orientar um instituto, cujo objetivo é o apostolado paroquial, para o ensino num colégio ou em capelarias universitárias. Quando as constituições primitivas dos padres pregadores declaram “Não podemos receber igrejas oneradas com o mister de almas” (14), elas não fazem senão exprimir negativamente a vontade de São Domingos de se consagrarem exclusivamente ao ministério da palavra de Deus, fato ainda mais notável por ser São Domingos em suas origens monge regular. Um instituto com a finalidade de mister apostólico preciso deve ser tratado como um delicado mecanismo de relojoaria cujas peças se entrosam.

Não acontece o mesmo com os institutos cujo campo de apostolado não é delimitado no ponto de partida. Sua inserção é sem dúvida mais rápida, mais fácil. Mas aqui uma atenção é igualmente exigida na especialização de cada um deles. A utilização apostólica deveria levar em conta um gênero de vida religiosa que é a expressão comunitária, aprovada pela Igreja, de uma devoção, de uma espiritualidade, de uma forma de ascese do patrimônio cristão. A organização pastoral não pode violentar as vocações pessoais. Deve respeitar-lhes os itinerários espirituais.

É difícil, estou de acordo, destrinçar a meada da variedade dos institutos religiosos. A distinção que propusemos traz talvez um pouco de clareza. Mas perderia uma certa complicação. Parece mais fácil tratar o conjunto dos religiosos como uma massa indiferente conforme uma gradação sumária maior ou menor. Podemos nos perguntar todavia se a valorização das forças apostólicas em questão não exige um esforço suplementar. Existe hoje um número de ecumenistas católicos capazes de discernir as mais sutis nuances que separam duas denominações protestantes. Fariamos menos para a organização interior da Igreja onde o problema, tudo considerado, é menos perplexo?

Tal respeito às finalidades impõe-se antes de tudo aos próprios institutos. Em numerosas ordens e congregações, sob a pressão dos acontecimentos, diversas atividades vieram se agregar aos misteres primitivos. Aquilo que no ponto de partida era derrogação provisória tornou-se logo um fato adquirido. Às vezes resulta numa multiplicidade na qual o profano reconhece dificilmente a orientação certa. Pôr em relêvo o fim autêntico, reencontrá-lo eventualmente, parece-nos ser bem o primeiro dever de todo

---

(14) *Dist.* II, cap. XXVII, 2.

instituto. É convicção geral. Os contatos estabelecidos na Bélgica e França entre os superiores maiores não pode senão auxiliá-lo. Quando um instituto está sozinho — ou pensa estar — não pode se crer obrigado a corresponder a todos os chamados. Confrontando com outros agrupamentos de uma mesma nação, torna-se ciente de que o melhor serviço a prestar à Igreja é o de ficar fiel à sua própria vocação.

Uma reflexão sobre o fim não pode deixar de conduzir a conclusões salutares. Às vezes tratar-se-á da adaptação do fim a novas necessidades. Fundaram-se institutos em circunstâncias particulares que não se mantiveram. Fundada no século XIII para o resgate dos cativos, a Ordem das Mercês ainda hoje faz obra útil na Igreja, porque corajosamente reconsiderou seu fim em função de novas necessidades. Tal eventualidade não é para relegar. Porém, essa reflexão terá sobretudo como resultado proporcionar sãbiamente os meios ao fim, na ordem da liturgia, dos estudos, das observâncias, do regime da vida e também naquele, tão delicado, do recrutamento. Os institutos religiosos, cada qual em função do que é, não têm interesse em aceitar senão vocações indiscutíveis.

A fidelidade ao fim é ainda a forma principal de nossa fidelidade à Santa Sé. Entramos no desígnio pastoral da Igreja inteira respeitando rigorosamente o fim para o qual nos aprovou. O Papa é o próprio prelado e superior supremo ao qual todos os religiosos devem obedecer em virtude dos votos (15). A conformidade a nosso fim é uma puríssima expressão da obediência que lhe devemos.

\* \* \*

Aos olhos do Direito Canônico, a autonomia dos religiosos é um "privilégio", expressão negativa *que deve evocar a todos uma realidade positiva*. Não é uma vantagem pessoal que defendemos e de que queremos gozar a todo custo sem partilhar. Numa perspectiva apostólica, é o revestimento jurídico de uma ação de catolicidade. Para o religioso, não é um meio de se tornar indispensável. Pelo contrário, é o meio de assegurar uma eficácia mais real à sua disponibilidade.

Não ignoramos os problemas concretos. Não podem se resolver senão num diálogo de todos os dias. Mas, hoje mais do que nunca, as condições de um diálogo sereno, lúcido e construtivo são reunidas. Primeiro, porque Sua Santidade Pio XII, no seu *Discurso aos religiosos* de 8 de dezembro de 1950, resolveu as controvérsias oriundas de um paralelo entre seculares e regulares. Essas discussões cumpriram seu papel: trouxeram à luz os múltiplos aspectos do problema da espiritualidade sacerdotal. Não podia se prolongar indefinidamente sem dano para a unidade do esforço apostólico. Em seguida, porque todo mundo está convencido de que a dimensão territorial não é a única a dirigir a pastoral e que os remédios devem atacar

os problemas em tôda sua nova extensão. Evidente e controlável, a influência dos grandes meios de vida (escola, usina, exército e lazeres) impõe, em coordenação com as estruturas locais, uma ação em escala cada vez mais vasta.

Enfim, o exame em comum de problemas delicados é favorecido por uma mentalidade "missionária". Em momentos de menor fervor apostólico, num clima estático, as relações entre religiosos e seculares revestem facilmente aspectos de rivalidade. Numa comunidade de caridade "em estado de missão", essas relações não conhecem senão uma só fórmula: a colaboração desinteressada. E as soluções a achar serão tanto mais duradouras quanto uma boa vontade esclarecida pela teologia tiver conduzido não a qualquer vago compromisso mas ao respeito da autenticidade das coisas(16).

- (16) Em diferentes perspectivas, o problema do apostolado dos religiosos foi abordado por R. KUITERS num estudo recente: *Over de Verhouding tussen de seculiere en reguliere geestelijkheid*, em *Tijdschrift voor geestelijk leven*, 1958, t. 14, pp. 245-255, 341-353, 365-376, 456-469.

### DUAS CASAS À ESPERA

Na mesma cidade, CAMPO DO MEIO, Estado de Minas Gerais, estão dois estabelecimentos de assistência prontos a receber religiosos. Um é a *Vila São Francisco de Assis*, já mobiliado e com luz, um pavilhão ladeado por seis casinhas com quatro quartos cada uma, situado num dos lugares mais aprazíveis da cidade e perto da matriz; destina-se a acolher os velhos abandonados e sem recursos. O outro é o *Asilo para meninas*, bem equipado com roupa de cama e mesa, dispondo ainda de terreno próprio.

A cidade, com seus 10 000 habitantes, é saudável, plana, banhada pelas águas de Furnas, situada numa zona essencialmente agrícola. É o próprio pároco quem se dirige à CRB e presta as melhores informações. Quem puder fazer esta caridade, queira comunicar-se a respeito com êle, conforme o endereço :

*Pe. Francisco de Assis Araújo*  
*Diretor do Instituto São José*  
*DD. Vigário de*  
*CAMPO DO MEIO — Minas Gerais*

## Luzes da Igreja

# O Beato Luís Guanella

PADRE MÁRIO TARANI, S.C.

**A** 25 DE OUTUBRO ÚLTIMO, solenidade de Cristo Rei, em plena sessão do Concílio Ecumênico, o Venerável Luís Guanella era proclamado BEATO ! Nôvo farol brilha no céu da história da Igreja no mundo.

49 anos após a morte do nôvo bem-aventurado, a Igreja proclama oficialmente a heroicidade de suas virtudes, e o luminoso vulto refulge sôbre o mundo admirado defaldando no campo da história contemporânea o estandarte de sua caridade, elemento construtivo e conetivo dos corações humanos com o Criador. Rejubilam, agradecidos a Deus e a Paulo VI, os filhos e as filhas espirituais de Dom Guanella por êste atestado público ao heroísmo de que êle deu nobre exemplo. Os Servos da Caridade e as Filhas de Santa Maria da Divina Providência, duas criações do seu gênio santo, exultam junto aos milhões de amigos, benfeitores e abrigados ou de qualquer forma favorecidos, e cantam ao Senhor : *Te Deum laudamus !*

Nesta santa data, seja-nos permitido vulgarizar também na ilustre Revista da CRB uma síntese possivelmente completa, mas necessariamente reduzida, da poliédrica personalidade, complexa, excepcional, não ainda talvez suficientemente elucidada, ao clero e ao povo do Brasil.

Sua vida é atraentíssima. Desde o nascimento até ao túmulo, ao altar, êle descortina e revela um plano de vida familiarmente divina aos homens de seu tempo e das futuras gerações. Com tôda evidência, é Deus que plasma os santos e projeta o perfil dêles sôbre os povos desejosos de paz e ordem, contando sempre com a colaboração do mesmo homem que decide em seu coração : quero ser santo ! Enxertado em Cristo pelo batismo, permanece no tronco de Quem ainda hoje afirma : *Eu sou a videira, e vós os sarmentos; quem permanecer em mim dará frutos de vida eterna.*

### **O homem**

Família, escola, seminário deram-lhe e lhe desenvolveram a rica vida, de maneira normal. Sua têmpera sensível e caráter forte o fazem digno

filho de seu tempo e ambiente. Na casa dos pais, Lourenço Guanella, austero e patriarcal, e Maria Bianchi-Guanella, dócil e piedosa, respirava-se um ar de oração e de trabalho, de honestidade.

Nasceu Luís a 19 de dezembro de 1842, nono entre treze rebentos, fortes e prazenteiros, que povoavam a casa honrada, em Fraciscio, na Itália, risonha e pequena aldeia, solitária entre o verde das paisagens e o obscuró dos abetos, e tangida pelo impetuoso riacho Rabbiosa que desaba do "Pizzo Stella" (3 163 metros). Herdou êle parte da força daquela torrente arrebatadora. Desde menino revelava um brilho vigoroso e sem disfarce. Muito apaixonado por cavalos, um dia foi investido por uma carroça-postal, encontrando-se no meio das pernas do animal; outro dia, cai numa torrente fortíssima; outra vez, periclita entre as rodas de um moinho; outra ainda, fica cercado pelas chamas de um incêndio no seu quarto. Com certeza, não tinha nascido de mãos juntas: praticava suas artes! Ousadia e simplicidade infantil acompanhavam-no.

Mas também, como não é raro constatar nos predestinados a grandes coisas, sua meninice manifesta pequenos episódios que obrigam a pensar: O que significa aquêle velhinho que encontra a 24 de junho de 1848 pedindo-lhe um daqueles docinhos ganhos no dia da festa?... E como explicar o imprevisto desaparecimento do velhinho? E a suave visão da Virgem no dia da Primeira Comunhão?... E o ingênuo diálogo com a irmãzinha, quando, brincando com terra e água, lhe dizia: "Quando formos grandes, aprontaremos assim a sopa para os pobres"? Breves episódios que quase desaparecem no enrêdo dos mil defeitos comuns aos meninos. E como explicar sua mágoa ao ver os infelizes? Com doze anos apenas, e já cintila em seu coração o grande ideal: ser padre! Não lhe faltam os requisitos básicos: boa vontade, inteligência ágil, saúde, família sã. Ganha uma bolsa de estudos para entrar no Colégio Gálio da cidade de Como, em outubro de 1854. "Eminente" é a nota escolar que resulta em cada curso. E, quanto a seu comportamento, o prefeito de disciplina afirmou: "Era um São Luís!"

E começou a subir os degraus da vida. Entra no liceu em 1860. Sua mente está agora despertada para os problemas de seu ambiente. Era a época das lutas políticas e clima de revolução até nos seminários. Já tinha nascido a "libera Itália". Êle vive os acontecimentos da Pátria, sente o fogo do amor pátrio, o qual não queima a vocação, pois o padre não amá menos a Pátria que qualquer outro cidadão. Luís sente-se homem feito, sente-se cidadão. Entre os estudantes surgem guerrilhas dialéticas. Duplo é o campo político: liberais e intransigentes. Luís equilibra as idéias, criando um jornal interno do qual fica redator, com idéias próprias, pois não era personalidade genérica. Seu estudo é completo. Gosta muito das ciências naturais, da agricultura, de história; penetra com infindo interêsse o mistério da psicologia humana; preludia, precede e defende com iniciativas pessoais a questão social. E nas férias? Não eram um descanso, mas simplesmente troca de atividade: catequiza os menores e coe-

tâneos, os rudes; visita os enfermos, conforta os pobres, pinta sua casa de azul, de estrélas, de “Madonna”; e depois estuda, estuda, estuda!

Em 1862 começa Teologia. Atira-se ao estudo dessa ciência sagrada com coração puro, com mente aberta e disposta ao combate dialético e prático contra o jansenismo da época e o modernismo avançado. Ascende aos degraus das ordens sacras. A 24 de fevereiro de 1866 é ordenado diácono. E, como Lourenço com seu Pontífice, êle mantém diariamente contato com aquela têmpera de bispo que foi Dom Bernardino Maria Frascolla, condenado a domicílio forçado em Como, por causa de sua legítima reação ao *expediatur* do Govêrno de então. Junto com êle, sonda a realidade histórica do momento e indaga os métodos daquele fenômeno político que foi chamado de “guerra legal”.

Tornando-se sacerdote a 24 de maio de 1866, resolve “ser uma espada de fogo no ministério santo”. O sacerdote é homem que não só sacrifica Cristo, mas êle mesmo se sacrifica a Cristo. E, desde êsse dia, inicia sua ascensão ao Calvário. A época dos primeiros 20 anos de padre representa para êle o bíblico opressor, o crisol tormentoso que purifica por amor a Cristo, à Igreja, à humanidade. Páginas lacrimosas que perfumam quase de nova forma de misticismo, não fechado na salmodiante penumbra de um claustro mas em luta plena de incompreensões, de renúncias, de acusações e perseguições por parte do laicismo liberal, que o julga e aponta como inimigo da Pátria enquanto seu coração ardia por um ideal tão belo, porém espinhoso: defender a justiça no amor, em favor dos indefesos. Sente-se chamado para beneficiar a humanidade, mas é misteriosamente obstaculado...

Com certeza, o homem não é uma ilha. Muito menos podia sê-lo o Padre Guanella. O sacerdote é oblação, é consumação: tudo para todos, não para ser servido, mas para servir. É homem que compreende os homens, sabe como tratá-los, sabe amá-los, pois é, ao mesmo tempo, o homem de Deus. É o servo do Evangelho, algemado à problemática de sua época, não estático ou negligente mas sim dinâmico e extraordinário. Enviado como cordeiro entre os lobos, dispõe-se ao sacrifício. É homem de pensamento e de ação: de caráter forte e doce, sabe chorar e sorrir, sabe vibrar impaciente e esperar confiante a hora de Deus. Tomou a amargura do fel humano em agonias prolongadas para não poder realizar o que era alma de sua existência, a quinta-essência de sua vocação social. Testemunha a caridade de Cristo, defendendo os humildes, os pobres, os debilitados mentais, na justiça pelo amor. Sensibilizou o coração da sociedade com as mais belas obras de misericórdia, atingiu o pensamento da sociedade com argumentos persuasivos, entre os quais ressalta sua multi-forme caridade consubstanciada de graça, a graça de seu batismo, que conservou imaculada nos 72 anos de vida terrena. Morreu em Como, na Casa-Mãe de suas instituições, a 24 de outubro de 1915, tido como verdadeiro santo.

## Apóstolo e escritor

Crescia em sua alma, como um sol, o desejo de realizar todo bem possível pelo mundo afora. Neo-sacerdote, é mandado como auxiliar à vila de Prosto, vinte quilômetros distante de sua aldeia natal. Lá, fazia falta uma escola : alastrava o analfabetismo, como em geral em toda a Itália. O censo do ano 1861 calculava no reino de Itália 74,68% de analfabetos. Como tolerar tão humilhante desdouro ? Consegue *pleno merito* pelo Govêrno e autorização para ensinar. Constrói uma escola e, pessoalmente, ensina não somente a ler e escrever, mas dá conferências e promove reuniões. Agita aquêle ambiente tanto que os adversários políticos persuadem os superiores a removê-lo como um exaltado. Logo é mandado a Sovogno. Aí, êle repete a mesma manobra : organiza outra escola-mo-dêlo. Ensina. Todo mundo o admira e o segue com entusiasmo. Em breve, renova o campo espiritual daquele povo, orientando o caminho de uma política justa e construtiva. "O liberalismo, eis o inimigo !" — gritou um dia. Mas logo se enredam contra êle. E, por longos anos, a maçonaria haveria de perseguir-lo.

Escritor, apologista e sociólogo, êle foi como que nas pegadas de Dom Bosco. Era a época das grandes encíclicas sociais, a época da redenção social, do Concílio Vaticano I. O amigo das trevas abria tôdas as suas iniciativas para impossibilitar ao povo dos campos e das fábricas o reconhecimento de seus direitos e a descoberta de sua dignidade humana. Guanella não ignora seu perseguidor e com êle não recusa abrir diálogo. Publica no ano 1862 *Síntese de conselhos familiares para todos e particularmente para o povo rural*. Custar-lhe-á êste livrinho lágrimas e profundas agonias ; foi publicamente condenado pelo Govêrno em 1873. "É um fanático, um subversivo" — grita-se-lhe pelas páginas da política adversa. E mesmo as autoridades eclesiásticas julgam prudente neutralizar a irruptiva atividade de Guanella, afastando-o daquele lugar.

— Venha a Turim — creve-lhe Dom Bosco, que já o havia conhecido. Dom Guanella, com licença do seu Bispo, acede (4-12-1874). Dom Bosco, com intuição carismática, reconhece e valoriza suas belas qualidades. Entrega-lhe a direção do Colégio São Luís. Era amado por Dom Bosco, que o julgava "homem de conselho e de experiência". Confia-lhe a direção das vocações adultas, dos cooperadores salesianos. Um dia, Dom Bosco manifestou-lhe o tormento de seu coração : a falta de vocações. E Dom Guanella lhe inspira a assim chamada "escola de fogo", da qual êle mesmo será o primeiro reitor. Três anos e meio fica com Dom Bosco, e teria ficado para sempre com êle se não sentisse em si, dominante, a vontade de realizar uma obra análoga de assistência social, mas em favor da categoria mais humilde. Separa-se de Dom Bosco em setembro de 1878, também porque é chamado pelo seu Bispo.

Ê mandado como auxiliar do vigário de Traona. Mal recebido e por nada retribuído, é o primeiro fruto de seu renome. Ê vítima do "decreto da fome". Mas não é êle que se espanta por isso. Inicia em cheio sua ati-

vidade : instrução, catequese, orientação objetiva. Após breves meses, tem de deixar aquêlê lugar. É mandado a Gravedona, na qualidade de vice-pároco. Aí abre logo uma instituição de caridade. Vítima de insídias, fracassa porém. Mas sua idéia é fixa : defender os pobres, não permitir que sejam humilhados injustamente. É tão fixa que o julgam louco. Com efeito, é afastado e desterrado para Olmo, humilde aldeia a 1 000 metros acima do nível do mar. Em virtude de santa obediência, êle vai, *sine baculo, sine pera*. A noite o apanha no doloroso caminho; foi para êle a noite mais semelhante à de Cristo no Getsêmani. Cansado, no meio das trevas, descansa sôbre um muro à beira da igreja matriz de Prosto. Na madrugada do dia seguinte, prossegue sua *Via Crucis*.

Daquela altura solitária, como de um ninho de águia, seu zêlo não se deixa domar : na oração e na penitência, medita e escreve. Escreve, mensalmente, a Dom Bosco. Escreve preciosos manuais, como para exercitar suas exuberâncias intelectuais e afetivas, esperando o toque da hora da Providência. O apóstolo escreve sessenta obras ascético-morais, de caráter apologético, que coleciona com o título "O católico provido". As principais são : *Vamos ao Padre, O Pão da alma, Sôbre o túmulo dos defuntos, No tempo sagrado, Na escola, Jesus vivente na Igreja, De Adão a Pio IX* (esboços histórico-filosóficos), *As Glórias do Pontificado, O Montanhês* (onde revela suas vibrações em defesa do povo dos montes, com quem êle viveu, para defendê-lo do "liberalismo moderno", livro que é ao mesmo tempo um magistral método de como escrever aos rudes). Ao montanhês consagrará ainda outro livro *Pão e Paraíso*, que é como o canto de um prefácio solene à vida simples e sã do agricultor cristão. Palavras singelas descobrem a mentalidade de Dom Guanella e justificam seu cunho polêmico, sempre em vigilante defesa contra o liberalismo social, pai do materialismo e do socialismo. São volumes de pequeno porte, mas repletos de santo gênio, poderosos no conceito e na unção que exalam linha a linha. Há, voluntariamente, todo o estilo dos antigos, simples, tranqüilo, de vez em quando perfumado do estilo dos místicos medievais. E, por meio de tais livros, êste tipo singular de asceta e de apóstolo, que olhava para o céu e sorria para a terra, ainda hoje fala.

O ano 1899 indica o aniversário da descoberta da "pila elétrica". Êle toma uma iniciativa ousada : "Levantemos um poderoso farol elétrico sôbre o berço e o túmulo de Alexandre Volta". E logo escreve a biografia do ilustre cientista. Promove o periódico *Scienza e Fede*. Convida, para visitar suas realizações em Como, o Convênio Mundial dos Telegrafistas, em junho de 1899. Tamanha é a admiração dos telegrafistas, que o levam em triunfo nos seus braços. Êle é o sociólogo que tudo faz para dar ao homem contemporâneo o sentido de sua dignidade e fraternidade.

### **Agrícola de Deus**

"Elemento de educação cristã humana é o trabalho dos campos" — dizia êle. O assim dito "Piano di Spagna" era uma extensíssima planície inculta de sua terra natal. A 18 de outubro de 1899, reunia e presidia

uma assembléia de clero, ao qual expôs um projeto : a bonificação do "Piano di Spagna". Com uma mensagem comovedora, convida os colonos a não abandonarem os campos e sim a se devotarem ao trabalho proficuo à porta das próprias casas : "Volte o agricultor à sua terra ! Mais do que nas oficinas, aí é abundante seu pão, mais sã conserva sua alma e mais amada será a sua família". Foi assim que aquela terra começou a produzir, abençoada pelo programma *cruce et aratro*.

A essa bonificação dará o nome de "Nossa Senhora do Trabalho". Ele mesmo idealiza e realiza um famoso quadro : um ferreiro e um agricultor, aos pés da Virgem Imaculada, um de cada lado dela, na atitude de quem lhe beija sua mão maternal. Quanto gênio nos santos ! A valorização daquela planície inculta é argumento importante de natureza pedagógica, como bem declarou o célebre Padre Agostinho Gemelli : "Conduzido pelo amor ao próximo, humilde e simplesmente, supera tôdas as perseguições dos homens; e recebendo os *rifiuti*, não só cumpre uma missão de fé e de civilização, mas obtém resultados que os mesmos psiquiatras não teriam esperado".

## Fundador

O nôvo Bispo de Como começava a convencer-se de que não devia nem podia permitir que aquêle padre tão preparado e talentoso fôsse sacrificado daquele jeito ignóbil, pois era vítima de uma política adversa e mesquinha.

Convidou-o então para Pianello Lario, na qualidade de vigário, em lugar do santo sacerdote que ali havia falecido recentemente. Nessa paróquia já tinha sido iniciada uma obra assistencial, mas aguardava ainda um animador e continuador que a liderasse. Foi a faísca do fogo sagrado, foi o grãozinho de mostarda para desenvolver o zêlo e a vocação do Padre Luís Guanella. No início êle é sempre contrariado pelos inimigos do bem, mas não desanima e, finalmente e para sempre, supera a veemência da aversão. Aceita a nomeação não como vigário mas sim como ecônomo espiritual, escrevendo ao seu Bispo "ter agora um sinal muito claro para outro lugar".

Em abril de 1876, um modesto e humilde barquinho levava pelas águas do lago uma turminha com poucas alfaias, de Pianello rumo a Como, onde Padre Luís tinha adquirido uma moradia mais confortável e apta. A nova residência povoa-se : anormais, incuráveis, surdos-mudos, deficientes mentais, velhos inábeis e pequenos monstros humanos. Mais que no número de lágrimas enxugadas pela preciosa contribuição, real e prática, em prol da candente e agitada questão social, nisto, nesta obra assistencial, está o valor do pensamento e da obra de Dom Guanella.

De que maneira encontrar uma linha de acôrdo entre ricos e pobres ? Todos têm seus direitos. Será que só os pobres, os doentes, os deficientes mentais, as vítimas das paixões e erros, não haverão de tê-los ? Eis a resposta : a Casa da Divina Providência, os seus benjamins, os seus *buoni*

*figli!* São êles, os pobres, os donos. O espírito da obra, as “vítimas”! Irmã Clara Bosatta, com trinta anos, morre, a primeira de uma turma de setenta irmãs outras que, em breves anos, a haveriam de seguir rumo ao céu, mártires da caridade, virgens no sacrifício, formadas na escola dêle. Pensando nos pobres, Padre Luís não descuidava entretanto os ricos, mas os convidava à colaboração: “Ó ricos, o Senhor terá em conta o bem que fizerdes aos filhos do povo. Apreciados como homens de bom coração, não sereis invejados pela multidão, pelo populacho”.

Dom Andrea Ferrari, nôvo Bispo de Como, vota-lhe todo afeto e admira-o. Compreendido por fim, Dom Guanella, junto à Casa da Providência, ergue um magnífico templo em honra do Sagrado Coração contra o “jansenismo barato e caseiro”. O próprio Bispo Ferrari proporciona as dimensões. O Fundador decolava! A 19 de maio de 1917, recebia a aprovação definitiva das Constituições para a Congregação feminina, que já se ia estendendo com a denominação de *Filhas de Santa Maria da Providência*.

## Os Servos da Caridade

Costumava dizer Padre Luís para as irmãs: “Ajudai-me, vós também, a formar bons padres”. Sonhava com uma fundação masculina, para as mesmas finalidades de caridade em prol dos meninos e moços abandonados ou necessitados. Um môço, ao deixar o serviço militar, põe-se às suas ordens (1887); outros dois, carpinteiros, seguem-no (1895); novos recrutas imitam os primeiros, atraídos pelo espírito de Dom Guanella. Êste adota e cuida também das vocações adultas, embora às vêzes atrasadinhas de cultura e inteligência. Fala sôbre o assunto com o Santo Padre Pio X, que lhe responde: “Dom Guanella, necessitais de padres que sejam homens de paciência mais que de ciência”. Desejava ardentemente vocações para irmãos leigos ou coadjutores: “Não me fazem falta moços dotados de engenho brilhante ou de muito dinheiro; necessito sim de irmãos que tenham bons braços e muita humildade para obedecer”. Em 1907, entregava à Congregação *Servos da Caridade* as Constituições definitivas e, em 1910, um Regulamento.

A 24 de março de 1908, a conselho da Sagrada Congregação dos Bispos e Religiosos, no Santuário do Sagrado Coração, Dom Guanella pronunciava seus votos simples perpétuos, junto com outros nove padres; quatro dias depois, outros seis se uniam à primeira turma pelos mesmos votos.

A Congregação assim iniciada conseguiu, em 1912, o “*Decretum laudis*”; em 1928, a aprovação canônica e, em 1935, o das Constituições. Finalidade reconhecida: o exercício da caridade cristã em abrigar e assistir, no espiritual e no temporal, especialmente com a instrução primária e religiosa, os meninos, os pobres, os mais necessitados, sem excluir o sagrado ministério nas distintas missões e em favor também do povo nas paróquias.

*Sistema pedagógico* do seu coração e de sua mente foi o sistema preventivo, justificado nestes primeiros princípios : “Todos irmãos em Cristo e todos herdeiros do mesmo paraíso... Quanto mais pobres, tanto mais merecem nossos cuidados... Amar-se uns aos outros... Deus sempre perdoa nossos pecados e tolera nossas limitações; perdoemo-nos, se quisermos o perdão... O castigo, quando aplicado *in extremis*, deve visar o melhoramento, não deprimir; um exemplo de rigor deve dirigir-se pelo amor... Quem se achar em posição de mando, seja o consôlo e não o tormento dos súditos... Os superiores devem saber se dominar a si próprios até nos sentimentos internos para que a consciência não os faça enrubescer pelo lugar que ocupam... Devem ser homens de oração... Raramente e só em casos necessários tomem posição de autoridade; aquilo que a gente não conseguir com a suavidade e com jeito raríssimamente se consegue pela imposição e força da ordem... Para nós, chega uma cama dura, uma cadeira, uma mesinha e um genuflexório para orar...

Noutros tempos, Deus inspirava e incrementava as grandes instituições dos contemplativos, dos penitentes, dos pregadores, ordens dedicadas aos romeiros, aos cruzados, à redenção dos escravos, até, no caso, ordens militares. Nos nossos dias, parece que a Providência se deleita em escolher *infirmos mundi* para serem apóstolos de caridade. Cegos, aleijados, atrasados de inteligência, são convidados pelos novos servos, porque os grandes e sábios têm preferido as obras falazes do mundo e da carne. Uma vez que muitos cristãos recusam sentar-se à mesa no Reino de Deus, o próprio Deus dará vida às grandes casas, às cidades dos santos. Pela caridade, nestes tempos de paganismo redivivo, deve-se “renovar tudo em Cristo”.

Das linhas pedagógicas como estas sobressai a mais pura e lógica síntese do método de construção social do homem contemporâneo numa moldura de fé, de dignidade, do Evangelho da misericórdia.

### **Espírito ecumênico**

Nesta época de inspirado e aberto diálogo entre todos os irmãos, como não mencionar seu amor e heroísmo pela união dos irmãos separados? Imensa ressonância encontrava em seu coração de apóstolo a separação de tão grande parte do povo de Deus da plenitude do Evangelho.

A Suíça o conheceu sensível aos gemidos de Cristo : *ut unum sint*. Muitas vezes seu discurso tratava das condições religiosas da confinante Suíça, vítima do protestantismo desde o século XVI, mesmo conservando em cada aldeia resíduos do antigo culto católico : igrejas abatidas, tôrres com a cruz, mudas há séculos; capelas alpestres entre montes e fragas, abandonadas às intempéries do tempo. No coração e na mente de Dom Guanella já sazonavam escolas e igrejas novas. Ele será o primeiro padre católico que entrará no vale da Bregaglia, completamente protestante e rudemente hostil aos católicos desde 1550. Penetrará naquele vale, rico de campos férteis, cercado por altíssimos cumes nevados e gelos cristalinos.

Penetrará com seus padres lá, onde, desde então, nem bispos nem padres entraram.

No ano 1900, na Bregaglia inferior, na vila de Promontogno, adquiria uma casa de madeira, recém-construída, de oito peças: parte dela transforma-a em igreja, onde ele mesmo celebra a primeira missa desde a reforma protestante. Logo iniciava a construção de uma nova igreja, inaugurada no ano seguinte. Em Vicosoprano, na Bregaglia superior, elevava outra igreja de madeira com peças para habitação do sacerdote. Precisava de coragem para enfrentar situações semelhantes; mas ele não perdia tempo! Rápida mente fazia surgir (1909), no lugar da capela de madeira, uma belíssima igreja em estilo gótico, com simbolicíssimo granito, e em anexo uma casa de cura climática. Pio X, seu santo amigo, sendo a igreja construída em honra de seu jubileu sacerdotal, brindou-o com um artístico sacrário, rico de mármore preciosos e de esculturas em bronze com que a cidade de Pisa tinha presenteado a Leão XIII... E para lá envia seus sacerdotes religiosos, respeitadas, senão ainda amados, impregnando novamente, com um mínimo de penetração, mas com guaneliana prudência, o humilde povo daquele vale com a plenitude do dogma católico.

Hoje, suas mansões de caridade são muitas no mundo. O fogo que Cristo acendeu na terra nunca mais poderá ser apagado. Mas cada vez mais se difundirá por sua natureza, para purificar nosso amor a Deus e a todos os irmãos, no contágio dos santos. Anatômico da caridade social, gênio do amor, prisma do Senhor, Dom Luís Guanella alimentou sua época de grandes coisas e amou os homens até à loucura.

## O santo

“Meus programa é *Orar e Sofrer!* Se quiserdes seguir-me, deveis realizar este programa” — acrescentava. Seu espírito de oração era evangélico, isto é, missionário. Não somente era oração a sua missa, o breviário, as freqüentes visitas ao Santíssimo Sacramento; mas toda sua atividade, todas as suas ações, embora mínimas, eram orações. Rezava viajando, e seu andar era oração. Num canto de compartimento do trem ou do barco, de olhos fechados, rezava; na carroça, puxada por um manso burrinho, bem como nas compridas viagens marítimas, rezava sempre; supervisionando os trabalhos dos operários ou empregados e abrigados, rezava e convidava a rezar; de resto, não se poderia explicar de outro modo o milagre de suas obras, sem fundamentá-lo neste espírito de contínua oração.

Evidentemente, pela sua mentalidade claramente teológica, a santa Missa era a oração básica e substancial. Celebrava o santo Sacrifício com visível ardor, amíde com viva comoção, atingindo manifestações místicas em prolongados suspiros e lágrimas. Ele, que via o próprio Cristo nos pobres tinha que vê-lo também no Pão Eucarístico; e falava-lhe. Quando numa casa religiosa se celebrava uma santa Missa, tudo ele dei-

xava para ir assistir. Era tão grande sua sêde eucarística que, apesar de suas muitas ocupações diárias, certa vez conseguiu gozar da santa alegria de assistir a quatorze missas consecutivas.

Não era uma piedade doentia a sua : não teria cabimento em seu caráter ardente e forte. A piedade do Padre Luís era risonha e operosa, eucarística e mariana, destacadamente eclesial. Gostava muito, nas suas capelas, igrejas e santuários, da piedade em comum, a oração vocal. Tinha achado o seu paraíso na terra, e assinalava-o aos seus filhos e filhas espirituais apontando para o tabernáculo ; “Nosso paraíso na terra”! Este espírito de oração incessante alimentava seu espírito de penitência. O paradoxo do santo é “gozar entre as lágrimas”. *Bem-aventurados, vós que chorais, porque vosso choro converter-se-á em alegria.*

O santo, porém, não só sofre a hereditariedade inevitável do mistério do pecado, a dor, mas aceita voluntariamente, como remédio para as feridas do mesmo pecado, tôda provação que a Providência enviar. Ainda mais, o santo deseja sofrer, pede e impõe-se a penitência, qual elemento ontológico de purificação pessoal e social. O sofrimento dêste santo Fundador foi extremo, excepcional como a sua santidade, e, ao pêso misterioso do sofrimento extrínseco, juntava a virtude e o exercício de penitências voluntárias. Quem poderia imaginar, julgando pelas aparências externas, que um homem de tamanha atividade, de um dinamismo impressionante, vivia cingido de cilício e de correntinhas de ferro eriçadas de pontas ? Ele, que consolava tantos corações e enxugava tantas lágrimas, sabia sempre sorrir. Almejava para seus filhos muito espírito de sacrifício. As irmãs não impunha, mas pedia, o voto de “vítima”, e não faltaram hóstias de imaculado heroísmo.

“O Servo da Caridade teria que deitar-se com o corpo cansado pelo trabalho como se tivesse sido surrado” — dizia. Nos confrades novos via o resplendor do sacerdócio ; logo, a vocação ao sacrifício :

— Vós deveis ser bons, pacientes, capazes de levar o fardo de sacrifícios e humilhações ; conformados com pouco, contentes até se vos derem por recompensa preciosas chicotadas... São expressões que exalam o perfume característico de uma mística franciscana. Ele tinha o espírito das bem-aventuranças, também nas tentações. “Necessita também a tentação do desânimo ; se a gente sentisse sempre a coragem do leão, não seria mais a via da cruz” — dizia certo dia. Aos primeiros colaboradores ensinava :

— Se vier a faltar tudo a vós, se faltarmos até nós, tenho fé que a obra reiniciaria.

— Mas se viesse a faltar ela também ? — perguntaram-lhe.

— Não duvideis : do céu vos ajudarei e assistirei muito mais do que aqui.

— E se nós todos o abandonarmos ? — disse-lhe um dos presentes, sem refletir na força brutal da expressão. Padre Luís, calmo, replicou-lhe :

— Recomeçaria outra vez, da estaca zero.

O conceito de si próprio, o autodomínio, a sua vocação, fizeram dêle um santo autêntico. Cresceu como cedro do Líbano, enriquecido de tôdas

as virtudes : pobreza original, castidade cristalina, autêntica, quase absurda, confiança na Providência Divina, provocando o Coração de Deus até ao milagre.

No periódico por êle fundado e dirigido, *A Divina Providência*, certa vez escrevia com linguagem bíblica : “Ó ricos, iníitai Booz, ordenai aos ceifeiros que deixem escapar de suas mãos espigas e permitam que nossas Rutes as juntem” — bela expressão de sua confiança em Deus e nos homens também. A humildade no amor era seu plano de vida.

Nessa tarefa foi muito auxiliado pela familiaridade com os santos da época. Dom Bosco foi-lhe mestre e conforto; o Cottolengo, inspirador; Pio X, amigo íntimo, conselheiro e benfeitor; Dom Orione, admirador e seu anjo na agonia; Monsenhor Scalabrini, exemplo vivo de missionário zeloso; Cardeal Ferrari, o primeiro a compreendê-lo, foi depois o orador oficial na derradeira despedida, no dia do funeral.

### Concluindo

O que temos exposto não é mais que uma síntese essencial do nôvo Beato. Para abranger a profundidade e a plenitude desta vida, que é a de um santo, é preciso compreender a ação do amor. Êle amou por vocação a humanidade inteira, a Igreja inteira : a Igreja militante nos seus pobres e membros sofredores, a Igreja padecente nos seus agonizantes e defuntos, em favor dos quais promovia a “Santa Cruzada” com sede em Roma, junto ao templo de São José. A iniciativa se estendeu e tomou tamanho vulto que alcançou quatro milhões de associados de todos os continentes. Cruzada de amor universal na fôrça da oração; amor à Igreja triunfante, chamando à terra os santos do céu, refletidos nAquele que operou e ensinou uma nova dinâmica do amor humano.

Não disse Jesus que quem permanecer na caridade permanece em Deus e Deus nêle, tornando-se destarte a habitação da Santíssima Trindade? Ê mesmo : a santidade, enraizada nas realidades do Concílio Ecumênico Vaticano I emerge em tôda a luz e atinge o vértice mais expressivo nas realidades sociais do Concílio Ecumênico Vaticano II, mensagem de amor ecumênico no amplexo da união em Cristo.



... O espírito do Advento, lembremo-nos, é um espírito de penitência, colorido, porém, de alegria por causa da esperança que habita nos corações. Os peregrinos, certos de chegar ao termo, esquecem as fadigas da marcha e recebem sua coragem e sua fôrça, da esperança de chegar ao lugar Santo. “Alegremo-nos porque a salvação está próxima”.

# A Unidade da Vida Religiosa Ativa

*N. da R. — Datado de agosto de 1963, saiu a público em DONUM DEI (caderno n.º 9 da Conferência Religiosa do Canadá, 1964, pp. 33-44) o presente trabalho que, pelos problemas nêle abordados, houemos por bem, depois de obtida a licença da CRC, traduzir e oferecer à consideração da família religiosa de todo o Brasil.*

## I

**C**REIO não haver problema mais importante e mais decisivo para um religioso votado ao ministério sacerdotal ou para uma religiosa consagrada às obras de caridade do que o da unidade de sua vida, de sua vida religiosa tôda ordenada para Deus e da vida apostólica inteiramente entregue ao próximo.

Quando o religioso entrou no noviciado, descobriu pouco a pouco as belezas da vida interior e entregou-se a Deus com uma generosidade sem medida. Sem dúvida, tomou gosto pela prece litúrgica e pela oração.

Enviado para as obras depois da orientação sacerdotal ou, se fôr irmão, desde a profissão perpétua, experimentou imediatamente uma certa dualidade na vida: foi-lhe preciso repartir o tempo, reduzir o que era consagrado à oração e à leitura espiritual, para conceder longas horas ao apostolado. Primeiro, lutou para conservar intata a vida de oração e como que se defendeu das obras. Mas, pouco a pouco, emocionado pelo contato das misérias do mundo, quis corresponder às necessidades das almas e consagrou-se ao apostolado até o limite extremo de suas fôrças, esgotando talvez até as capacidades físicas e reservas espirituais numa ação desmedida.

As restrições impostas pelas constituições e pelos superiores começaram então a lhe pesar e até a lhe parecer incompreensíveis. Talvez viesse mesmo a desejar que os tempos da oração fôsssem abreviados, que as observâncias fôsssem aliviadas, que tôda sua vida religiosa se adaptasse às exigências atuais das obras.

Em seguida, procurou justificar a atividade excessiva vindo na dedicação de si ao próximo, nas fadigas do apostolado, na própria ação, o verdadeiro meio de santificação própria de apóstolo, o meio que deveria substituir pouco a pouco as observâncias do tempo passado, inspiradas por uma concepção demasiadamente contemplativa da vida religiosa. Ainda mais, encarou toda a sua vida religiosa em função do apostolado e, se ele exerceu o ministério junto das religiosas hospitalares ou professoras, inculcou-lhes que elas só seriam religiosas se fôsem melhores enfermeiras ou educadoras. Numa palavra, chegou a subordinar o fim principal e geral da vida religiosa à finalidade especial e apostólica do instituto de vida ativa ou mista.

## II

Tal desvio não é raro, bem o sabeis, Revmos. Padres e prezadas Irmãs. Mas, não o evitaremos por um simples reflexo de defesa, vindo na ação um perigo para a contemplação e recendo um total empenho no apostolado que os santos fundadores quiseram e que a Igreja sancionou.

Penso que, no fundo, esse conflito provado por tantos religiosos e religiosas, sobretudo no decurso dos primeiros anos de apostolado, provém de uma idéia demasiado estreita que eles se fazem dos dois fins de sua vida religiosa e apostólica.

Leram no início das constituições do instituto que o fim precípua e geral dêste é a santificação própria, e o fim especial é uma ou várias obras de caridade para com o próximo.

Porém, conceberam a santificação pessoal de um modo excessivamente egocêntrico, como um simples aperfeiçoamento moral. Como, pois, a vida não haveria de sofrer nêles de uma dualidade profunda? Pedese-lhes a consagração de corpo e alma ao próximo e exige-se ao mesmo tempo que se preocupem dêles mesmos, que jamais sacrifiquem a própria perfeição!

## III

Acredito que aconteceria inteiramente o contrário se tais religiosas compreendessem a verdadeira natureza da santificação pessoal. Enfim, que procuram os santos, antes de mais nada, na vida religiosa, e por que a Igreja os dá como exemplo aos fiéis, especialmente aos religiosos e religiosas?

A santidade, a santificação, a perfeição cristã consiste essencialmente em amar a Deus por Ele mesmo e em provar esse amor interno pela prática cada vez mais fervorosa de todas as virtudes à semelhança de Jesus Cristo e em união com Ele.

Na verdade, essa prática das virtudes implica que se pense em si, que se retifique a cada instante; mas, enfim, é para agradar a Deus que se é fiel e porque se O ama, com um amor de amigo ou de esposa. Nisto consiste a caridade, rainha de todas as virtudes e elo da perfeição, *vinculum perfectionis*.

É essa caridade, essa delicada dileção, que nos leva ao conhecimento do Bem-Amado, à contemplação de sua transcendente beleza, de suas perfeições infinitas como mistérios de sua vida interior.

*Pensa em Mim, e Eu pensarei em ti* — dizia o Senhor a Santa Catarina de Sena que era ao mesmo tempo grande contemplativa e apóstola ativíssima de seu tempo. *Pensa em Mim* — é toda a vida interior feita de amor divino e de olhar sobre Deus; e *pensarei em ti* — é toda a retificação moral operada pela graça e nossa cooperação nessa obra divina.

Eis a verdadeira santificação, o escopo assinalado a todos os religiosos e religiosas, quer nos claustros contemplativos, quer no seio da vida mais ativa.

Eis a vida interior levada pelos santos de todos os tempos e famílias espirituais, sejam eles religiosos, padres seculares ou leigos casados.

Essa vida interior tem tal valor em si, está tão intimamente ligada à vocação do homem cá na terra e na eternidade, que não se pode conceber que um religioso possa sacrificá-la por qualquer coisa. *No anoitecer desta vida seremos julgados sobre o amor* — dizia São João da Cruz.

#### IV

O amor de Deus, porém, não vai sem o amor ao próximo. Não podemos dizer que amamos a Deus se não amamos a quem Ele ama, se não os amamos com igual amor com que Ele os ama, se não os olhamos com os olhos de Deus, ousarei dizer. A caridade para com o próximo é como o complemento indispensável da caridade para com Deus; ambas não formam senão uma só virtude, porque é ainda a Deus que amamos quando amamos o próximo e para que Deus esteja nêle.

Ora, podemos amar ao próximo na vida religiosa puramente contemplativa e rezar por êle; é a vocação dos monásticos atrás das grades e, por essa razão, Santa Teresa do Menino Jesus foi proclamada padroeira das missões.

Podemos também — e é a vocação de todos os religiosos e religiosas pertencentes a institutos de vida ativa ou apostólica — não somente amar ao próximo no íntimo do coração e na oração, mas ainda consagrar-lhe a vida fazendo o bem, fundar uma família religiosa para cuidar dos doentes ou dar educação às crianças ou ainda exercer o ministério sacerdotal junto das almas. Eis as verdadeiras obras de caridade, obras que implicam, aos que as exercem, uma verdadeira caridade para com os doentes, as crianças, as almas a salvar.

Que significa isso senão que êsses religiosos e religiosas se entregam a tais atividades porque amam a Deus e vêem que Ele ama essas almas e as envia junto dêles?

Tal serviço ao próximo vem a ser então um serviço de Deus, exercido não mais na capela pela oração litúrgica ou na prece, porém na ação e apostolado. *Servindo ao próximo por Deus* — diz Santo Tomás de

Aquino — *os religiosos fazem obra de amor de Deus* (1). E allures define os institutos de vida ativa comum como *ordens instituídas para servir a Deus nos seus membros pela ação* (2).

*A vida religiosa ativa haure pois sua unidade essencial na unidade da virtude de caridade. Abrange bem dois fins, o principal ou geral, e o especial, porém como a caridade que tem dois objetos, Deus e o próximo. E a vida religiosa ativa é uma, da mesma maneira que a caridade é uma. Sua unidade não é pois senão o reflexo e a expressão, na ordem do serviço e das obras exteriores, da unidade da virtude de caridade: na vida religiosa ativa, serve-se a Deus ao servir o próximo, como se ama a Deus ao amar o próximo, pois serve-se o próximo como se ama, por amor a Deus* (3).

## V

Será bastante, entretanto, ter compreendido que a virtude da caridade é uma única e mesma virtude para resolver o problema que nos propusemos, o da unidade da vida religiosa ativa? Não creio. Porque, afinal, os próprios leigos, se estão cientes do ideal cristão, devem também conceber seu dever de estado como uma obra de caridade para com o próximo e a ela se dedicar por amor a Deus, quer se trate de uma mãe de família em relação ao marido ou filhos, quer de um homem na vida profissional. E sabemos que há no mundo leigos, cuja vida interior lhes inspira verdadeiramente a atividade.

Deve haver pois nesse ponto outra coisa além da caridade para explicar o que é próprio à vida religiosa ativa ou apostólica.

Tomemos o exemplo das religiosas educadoras ou dos irmãos professores. Verificamos imediatamente que há uma diferença entre a vida delas e a dos mestres ou professores leigos, mesmo que estes últimos sejam profundamente cristãos na vida particular ou tenham do ensino a mesma idéia que as religiosas ou religiosos dedicados à educação. Porque existem pelo mundo, no Canadá como em toda a Igreja, mestres cristãos que têm como ideal a formação integral das crianças que lhes são confiadas: vêm nelas criaturas de Deus nas quais devem despertar as verdades humanas e divinas e a quem se esforçam por inculcar princípios de vida verdadeiramente cristãos. Digamos até que há entre eles almas mais virtuosas, mais elevadas em graça e em caridade que muitas irmãs e irmãos professores.

Entretanto, entre os mestres cristãos e os irmãos educadores, há esta grande diferença: estes são religiosos por estado e aqueles, não. No dia da profissão, os religiosos deram tudo a Deus, todo o ser Lhe pertence e Lhe é consagrado e, conseqüentemente, toda a atividade virtuosa tem o valor de serviço divino, de culto. Esse homem tornou-se, no sentido mais

(1) 2a.2ae., q. 187, a. 2.

(2) *Contra Impugnantes Dei cultum*, c. 1.

(3) PAUL PHILIPPE, O.P. — *Les Fins de la Vie religieuse active selon saint Thomas d'Aquin*, p. 52.

vivo da palavra, um religioso : êle é da casa de Deus, um servo à inteira disposição do Mestre. Seu tempo pertence a Deus só, e Deus pode dispor dêle como entender, por intermédio de seus representantes, os superiores, para seu culto ou para as obras de sua Igreja.

O mestre cristão é geralmente casado e pai de família e, mesmo se não o fôr, ganha honestamente a vida ensinando. E, ainda supondo que queira exercer suas funções como um apostolado, e gratuitamente, que se entregue sem reservas a seu ministério, está sempre livre para se recuperar ou pelo menos para se reservar uma parte do tempo a seu modo. Enfim, mesmo que estivesse ligado por voto privado a uma vida de mestre cristão no celibato, não se tornaria por isso tudo um religioso no serviço da Igreja, um homem a quem a Santa Igreja tivesse ratificado a morte total ao mundo e a completa consagração a Deus e às suas coisas. O religioso não tem e não pode ter mais outras finalidades que as mencionadas. É consagrado à educação das crianças como a Deus, e porque Lhe é consagrado.

O que é verdade para os religiosos educadores, igualmente o é para as religiosas hospitalares ou assistentes sociais, catequistas e religiosos destinados ao ministério das almas. A consagração os torna instrumentos nas mãos de Deus que dêles se serve para levar sua palavra às almas, exercer sua misericórdia aos corpos que sofrem e estender seu reino.

É a caridade divina, o amor infinito de Deus a todos os homens, que passa pelo coração dêsses seres inteiramente a Êle consagrados e os arrastam às obras de beneficência e de apostolado.

Agora, estamos vendo a que profundeza se situa a unidade da vida religiosa ativa : pela profissão religiosa, homens e mulheres têm se dedicado totalmente, sob a inspiração da caridade, a um serviço múltiplo do próximo, o que, por tal consagração, se torna um grande ato de culto divino. Assim, tudo quanto fazem para com o próximo dentro da obediência emana de seres radicalmente desprendidos de si mesmos, para a glória do Senhor a quem amam nos seus irmãos.

## VI

Podemos compreender desde então em que sentido o serviço religioso do próximo dispõe a melhor amar o Senhor, a progredir na união com Êle, ou, dito de outro modo, como os religiosos se santificam na ação.

A ação caridosa e apostólica do religioso o santifica, porque é um serviço de Deus que procede do amor teologal de Deus e do próximo. Isso é capital. Com efeito, não é ação que santifica por si mesma, mas sim a caridade com a qual nos entregamos àquela, porque sòmente a caridade é a raiz de nossos méritos e a medida de nossa santificação : é porque os religiosos amam a Deus verdadeiramente e ao próximo como Deus o ama, é porque se entregam à ação por amor a Deus e sob suas vistas, é porque sabem ficar unidos a Deus, pelo menos virtualmente, no seio da ação, que esta os faz progredir na caridade e em tôdas as virtudes cristãs.

A ação não será santificadora se não derivar a sua fonte do amor de Deus e da contemplação. Não há ação fecunda sem vida interior profunda, tal é a primeira conclusão prática à qual nos leva nosso exame sôbre a natureza da vida religiosa ativa.

Tal é a resolução que deve ser tomada e retomada sem cessar por todos nós, jovens ou velhos religiosos consagrados ao apostolado.

O ideal a que todo religioso deve visar, padre ou irmã e tôda religiosa digna dêste nome, é de continuar a arder em caridade no meio da ação, de querer a glória de Deus em tudo que faz, de adorar suas perfeições infinitas e de contemplar os mistérios da sua vida íntima através das preocupações inerentes ao apostolado e às obras de misericórdia, de saber mesmo reconhecer nas almas das crianças e no corpo dos doentes que lhes são confiados a presença adorável de Jesus Cristo. Dizia-se de Santo Inácio de Loyola que estava *in actione contemplativus* (4). É bem fora de dúvida o que poderíamos dizer de todos os santos que se dedicaram ao próximo. Permaneciam “contemplativos” na ação; almas de Deus que se fizeram seus servos por amor, sem deixar de permanecer seus amigos.

Então, certamente sim : a ação os santificou, mas por não cessarem de se santificar na ação como na vida regular, porque procuraram sempre fazer a vontade de Deus, seja ficando ao pé do seu crucifixo ou indo a serviço do próximo.

## VII

A vida dos santos nos ensina ainda outra coisa : ainda que eles saibam permanecer unidos a Deus no meio da ação, são os primeiros a desejar o silêncio da cela e a passar as noites em oração. Às vêzes mesmo são tentados, como o Santo Cura d’Ars, de desertar o campo do apostolado para irem encerrar-se numa Trapa. Se ficam na ação, é por dever, porque sabem que o próximo tem necessidade dêles, porque crêem que essa é a vontade de Deus.

O próprio Santo Tomás, seguindo os Padres da Igreja, não hesitou em ver na vida de São Paulo o exemplo comoventíssimo dêste rasgo interior do Apóstolo : *Vejo-me apertado por duas partes : tenho desejo de ir-me para estar com Cristo, o que é sem comparação o melhor ; mas o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa* (5).

É necessário, portanto, nos perguntarmos de onde vem essa dualidade tão dolorosamente provada por São Paulo como pelos santos dedicados às obras de apostolado. Não acabamos de dizer que não há oposição alguma entre a santificação, fim geral de tôda a vida religiosa mesmo ativa, e o apostolado próprio de cada instituto ?

Na verdade, a vida religiosa ativa é uma, como a caridade é uma. Porém, é precisamente nisso que reside a dificuldade prática dessa vida :

(4) J. NADAL, S.J. — *Epistolae*, em *Mon. Hist. S.J.*, t. 4, Madri, 1905, p. 651.

(5) *Filip* 1,23-24.

a caridade é bem uma só e mesma virtude, mas, afinal, tem dois objetos : Deus e o próximo. Há perfeita subordinação entre esses dois objetos, pois que amamos o próximo como Deus o ama e para Deus. E assim há perfeita subordinação entre o fim principal e geral da vida religiosa, a perfeição da união com Deus, e o fim principal, o serviço do próximo pertencente ao instituto : serve-se a Deus ao servir o próximo, serve-se o próximo por Deus, e fazendo-o ama-se a Deus.

Não é menos verdade que os atos de amor de Deus, de afeto interior e de contemplação sejam distintos dos atos de serviço do próximo mesmo inspirados pela caridade. São atos inteiramente espirituais, exigindo uma atenção em Deus mesmo, o silêncio interior, a pureza de alma, o desprendimento dos interesses humanos, enquanto que o serviço efetivo do próximo volta-se para as coisas exteriores, empenha-se em múltiplas preocupações temporais. A dificuldade decorrente de permanecermos unidos a Deus na ação é tanto maior quanto o apostolado ao qual nos entregamos é mais complexo. Hoje, mais que antigamente, o ensino das ciências profanas, o cuidado dos doentes, a assistência social, o próprio ministério das almas requerem uma atenção constante, uma competência profissional e os meios técnicos cada vez mais difíceis de adquirir e de dominar.

Seria pois ilusório negar a dualidade prática de vida religiosa ativa e apostólica. Devemos de modo absoluto reservar tempo para cuidarmos de Deus somente — *Soli Deo vacare* — para nos entregarmos à oração silenciosa e aos exercícios diretamente ordenados à vida interior; a oração litúrgica, a *lectio divina*, a meditação. Para ficar unido a Deus na oração, para não esquecer na aula que as crianças são criaturas amadas por Deus, para ver nos doentes membros sofredores de Cristo, para levar aos outros o conteúdo da contemplação — *contemplata aliis tradere* (6) —, para ser contemplativo na ação — *in actione contemplativus* —, é preciso alimentar com toda evidência a vida interior e saber reservar-se na vida uma parte séria de exercícios espirituais, tornar grande a parte de Deus. Para tais religiosos e religiosas, a oração é uma necessidade vital, o momento em que podem se encher de Deus, dizer-lhe seu amor à verdade e contemplá-Lo em silêncio.

Entretanto, os exercícios da vida contemplativa e a oração mais particularmente não são unicamente necessários aos religiosos dos institutos de vida ativa ou apostólica para que refaçam suas forças espirituais e os preparem para mantê-los unidos a Deus na ação, pois então deveríamos dizer que quanto mais santos, menos necessidades têm dos mesmos; verificamos ao contrário que quanto mais unidos a Deus mais aspiram por encontrá-Lo sós por sós na oração, pois tal é o profundo desejo do amigo de Deus.

## VIII

Uma última questão se nos impõe, de ordem inteiramente prática : — O que é que determinará a parte de exercícios de vida contemplativa ne-

(6) Santo TOMÁS — *Suma Teol*, 2a. 2ae., q. 188, a. 6.

cessária para os religiosos unidos a Deus não somente no decorrer da vida regular mas mesmo no meio da ação ?

É bem evidente que esta escolha de meios não é deixada à livre determinação dos simples religiosos.

São as constituições que fixam a natureza e a medida dos exercícios da vida contemplativa segundo a espiritualidade do instituto. Mas, cabe aos superiores velar para que os religiosos usem os meios de santificação determinados pelas constituições, conforme o espírito próprio delas. E, sobretudo, cabe-lhes empenhá-los na ação levando em conta as possibilidades físicas, intelectuais e espirituais, e colocando-os onde eles poderão melhor se santificar e fazer o bem.

Entretanto, os religiosos não devem se contentar com uma exata observância das suas constituições, uma observância estrita. A fidelidade à oração ou ao ofício, como a observância às ordens dos superiores, devem sempre ser inspiradas por uma tendência sempre mais generosa à perfeição do amor de Deus e guiada por uma visão sempre mais clara da estrutura objetiva da sua vida religiosa e da ordem de seus fins.

Então esses religiosos e religiosas utilizarão sempre os meios previstos pelas constituições para viverem cada vez mais perfeitamente unidos a Deus, nos exercícios da vida regular como em plena ação. A vida lhes será verdadeiramente unificada para a maior glória de Deus e para o serviço da Igreja.



*Neste momento em que toda a humanidade olha para esta Cátedra de Verdade e para Quem foi chamado a representar na terra o Divino Salvador, não podemos senão renovar o apêlo ao acôrdo leal, franco, cheio de boa vontade, que una os homens no respeito recíproco e sincero; o convite a envidar todo o esforço para salvar a humanidade, favorecendo-lhe a vida espiritual e religiosa para que seja levada à adoração mais viva e sentida do Criador. Não faltam sinais animadores que Nos vêm dos homens de boa vontade; muito agradecemos ao Senhor por isso, ao mesmo tempo que oferecemos a todos a Nossa serena mas firme colaboração para a conservação do grande dom da paz no mundo.*

# Consultas

## II — VISITADORA GERAL E LÍNGUA PÁTRIA

Com boas razões, desejam as irmãs “que a visitadora geral conheça a língua portugueza para dar a tôdas as irmãs, e não sòmente às estrangeiras, a possibilidade de discorrerem com ela. Tôdas têm seus problemas, quer de ordem particular, quer de ordem geral”.

Embora os problemas de ordem particular fôsem mais convenientemente tratados com a superiora ou visitadora provincial, como pessoa mais indicada para aliviar o pêso da visitadora geral, poderá, sem dúvida, haver motivos para expô-los inclusive ou exclusivamente à geral ou sua representante.

Quanto ao desejo das irmãs de que a visitadora geral fale o vernáculo, não há nada mais justo. Todavia, bem sabemos que não é possível satisfazer a todos e a tão legítimos anseios. Onde, por exemplo, existe o louvável costume de a madre geral querer inteirar-se, pessoalmente, das condições das províncias, haverá, se a madre não fôr poliglota, em uma ou mais delas no exterior, o impecilho inevitável da falta do conhecimento suficiente da língua. Será raro poder empregar o expediente de que usou o rabiscador destas linhas, pedindo à madre estudasse primeiro o vernáculo de determinado país, porque não teria nem secretária nem intérprete. Como se trata de pessoa bastante jovem e muito inteligente, a irmã conseguiu dentro de poucos meses a habilidade necessária para conversar com cada religiosa sem intervenção de ninguém. É natural que as súditas tenham ficado radiantes e satisfeitíssimas. Deu certo, porque a geral teve pessoalmente o maior empenho e interesse de falar às irmãs na língua delas. A receita falhará onde não existirem as condições indispensáveis: idade propícia, facilidade em aprender, certo número de anos pela frente, de maneira que valha a pena fazer tais esforços, compreensão psicológica das irmãs, etc.

Mais facilmente seriam satisfeitas as justas aspirações das irmãs se para visitadora fôsse escolhida uma irmã do conselho geral, senhora da língua falada na província a visitar. Todavia: 1) a visitadora delegada deve ser uma exceção e não a norma; 2) as irmãs, via de regra, gostam de entrar em contato com a própria madre e desejam conhecê-la mais de perto, quando desconhecida, ou renovar as relações, quando já conhecida; 3) a visitadora delegada, eleita entre as irmãs de certo país, raramente goza das simpatias de tôdas as irmãs, tendo a seu favor, às vêzes, apenas reduzido número daquelas que lhe votam verdadeira confiança. Não existindo esta em tôdas elas, é de esperar que tal visita facilmente venha a provo-

car nôvo azedume ou alguma atitude de reserva em relação às que confiam. Diante disso e para que se obtenha um julgamento por pessoa não diretamente ligada à província, as madres preferem enviar uma visitadora completamente neutra. Acresce porém que nem tôdas as irmãs, ainda que sejam boas conselheiras, gozam das qualidades necessárias para fazer uma visita canônica, sobretudo em províncias mais difíceis. Tudo isto é apenas para mostrar que as madres não procedem arbitrariamente, mas com critério de forma a favorecer ao máximo o bem da congregação. Daí, é natural que as próprias irmãs terão que arcar com certas conseqüências e venham a se mostrar pouco satisfeitas com a visita. Resta advertir que as visitadoras não devem ser escolhidas em atenção a motivos inspirados por critérios mesquinhos, ou meramente pessoais, que não condigam com os princípios de vida religiosa.

Finalizando, diremos que as irmãs têm motivo justo para insistir nesse particular, mas nunca hão de tomar uma posição de revolta frente às decisões, ainda que contrárias às expectativas das superiores maiores. Terão certamente suas razões. Com o andar do tempo e o crescimento da congregação, êsse inconveniente tenderá a desaparecer. Mediante a renovação dos conselhos, tão necessária, surgirão, aos poucos, elementos capazes de proceder à visita, ainda que não sejam membros do conselho geral. É pois um ponto de vista errôneo o fato de supor que só no conselho geral possam encontrar-se irmãs dotadas das qualidades indicadas para o cargo de visitadora. Em muitas constituições fala-se expressamente da possibilidade contrária, requerendo elas apenas o consentimento do conselho geral, quando a visitadora não fôr membro do conselho. Havendo boa vontade de ambas as partes e a proverbial paciência, as coisas resolver-se-ão a contento de tôdas as interessadas, entre as quais figuram em primeiro lugar as superiores maiores.

FREI FRANCISCO XAVIER BOCKEY, O.F.M.

### NOTA DA REDAÇÃO

(A pedido do autor)

*O trabalho publicado em nosso número de outubro último sob o título "Sentido da Pastoral", do Pe. Virgílio Rosa Netto, C.S.S.R., foi transcrito de apontamentos não revistos pelo autor, de conferência proferida em Belo Horizonte no Encontro do Clero no dia 23 de janeiro de 1964. Os subtítulos foram da Redação.*

## Note e Anote:

### **TRABALHO APOSTÓLICO DAS RELIGIOSAS DA ARQUIDIOCESE DE NATAL**

N. da R. — *Por ocasião da despedida do Exmo. Sr. Administrador Apostólico de Natal, Dom Eugênio de Araújo Sales, as religiosas da arquidiocese de Natal ofereceram-lhe o Relatório de suas atividades apostólicas que a seguir publicamos.*

*É este Relatório um eloqüente testemunho do engajamento das religiosas na pastoral de conjunto desta arquidiocese.*

As comunidades religiosas da arquidiocese de Natal, unidas, constituem-se uma força viva da Igreja, contando com os seguintes recursos: 206 religiosas pertencentes a 15 congregações diferentes, distribuídas por 18 comunidades na capital e 11 no interior.

Trabalhamos de acôrdo com a finalidade específica de cada congregação, nos campos educacional e social, e estamos engajadas na pastoral de conjunto, atendendo à evangelização e apostolado de emergência. Fizemos em conjunto séria e profunda revisão e traçamos as linhas de um planejamento apostólico, respeitando sim a finalidade específica de cada comunidade, abrindo porém dimensões mais amplas e atuais a fim de correspondermos melhor ao apêlo da Igreja de hoje.

**APRIMORAMENTO DA VIDA RELIGIOSA E ATUAÇÃO APOSTÓLICA.** — Estes foram os pontos básicos em que se firmou o dito planejamento. Participamos com solicitude dos movimentos promovidos pela arquidiocese, destinados à adaptação e promoção apostólica das religiosas, através de: 1) revisão e planejamento em conjunto; 2) cursos do Mundo Melhor para superiores e irmãs; 3) curso catequético; 4) dias de estudos sôbre o documento do Cardeal Suenens "A Promoção Apostólica da Religiosa"; 5) estruturação da equipe das irmãs enfermeiras para estudos especializados; 6) dinamização das reuniões mensais da CRB, com programas previamente elaborados, ótimas conferências, profundas e oportunas; 7) participação no curso bíblico; 8) curso de teologia para religiosas; etc.

Quanto à atuação apostólica, há uma grande abertura e disponibilidade por parte das religiosas para atender e servir a Igreja, embora o façam muitas vêzes com dificuldades e acúmulo de trabalhos.

Esforçamo-nos por estar bem engajadas na pastoral de conjunto da arquidiocese, dentro do "Plano de Emergência" da Conferência dos Bispos do Brasil. Temos dados concretos que provam o nosso engajamento:

Há 8 comunidades liberadas para o trabalho da arquidiocese assim distribuídas : — das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, a Casa São José, na capital; — do Instituto Secular das Filhas de Santa Gema, uma em Ponta Negra, outra no Pium, a Casa Santa Zita e uma quarta em Nova Cruz; das Irmãs Josefinas, a Escola-Ambulatório Matias Moreira; — das Irmãs da Divina Providência, uma casa em São Paulo do Potengi; — das Irmãs de Maria, uma em Macau.

Há ainda duas comunidades em experiência de paróquia sem vigário : Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, em Nisia Floresta; Irmãs do Coração de Maria, em Taipu. Justo é outrossim referir o fato de três irmãs da Congregação do Amor Divino liberadas para a JEC e trabalhos sociais; uma irmã de São Vicente de Paulo, para o setor social; uma irmã da Congregação do Bom Pastor substituindo uma religiosa do Secretariado Regional da CBB.

Registrem-se ainda mais os seguintes dados :

61 religiosas de tôdas as comunidades trabalham na catequese paroquial e familiar; 5 religiosas na coordenação dos secretariados paroquiais assim distribuídas : 2 filhas de caridade, 2 filhas de Santana e 1 irmã salesiana;

8 religiosas no Secretariado Diocesano : 2 de Santa Dorotéia; 1 das filhas do Amor Divino; 1 das filhas de Santa Gema; 1 das franciscanas hospitaleiras; 1 das religiosas do Bom Pastor; 1 das franciscanas do Bom Conselho; 1 das missionárias de Jesus Crucificado;

3 religiosas no Secretariado Regional da CBB : 1 missionária de Jesus Crucificado; 1 filha do Amor Divino; 1 filha de São Vicente de Paulo.

RESUMINDO. — Tôdas as comunidades religiosas da arquidiocese estão inseridas na pastoral de conjunto e dão o seu contributo na evangelização e apostolado de emergência. Nós, religiosas, sentimo-nos, na arquidiocese, parte de uma grande família. Há muita abertura e verdadeiro clima fraterno entre as diversas comunidades e crescente entrosamento entre nós. São prova disso os nossos passeios, reuniões e encontros.

Reconhecemos com imensa gratidão que o nosso trabalho apostólico na arquidiocese foi *solicitado*, *encorajado* e sobretudo *valorizado* por S. Ex.<sup>a</sup> Dom Eugênio de Araújo Sales. Para êle, a homenagem filial das religiosas desta arquidiocese.

Natal, 27 de agosto de 1964.

IRMÃ MARIA CÉLIA RAMOS  
Religiosa do Bom Pastor

## INTERVENÇÃO BRASILEIRA REVOLUCIONA O CONCÍLIO

Roma, 15 de outubro. — Dom Fernando Gomes, Arcebispo de Goiânia, fêz uma intervenção no Concílio, que foi considerada pela imprensa internacional como “verdadeira bomba” e alterou, em questão de uma hora, todo o andamento dos trabalhos dentro da Aula conciliar.

Estudava-se o esquema dedicado aos padres : clero diocesano e clero religioso. Há muito tempo que os bispos do Brasil vinham manifestando o próprio descontentamento pelo fato de que os padres não estavam recebendo do Concílio a atenção que merecem. Falava-se dos bispos, dos leigos, dos não-cristãos, mas os padres continuavam os “grandes esquecidos”.

O Secretário-Geral do Concílio, Mons. Felici, anunciou que alguns vigários tinham sido convidados para participarem dos trabalhos do Concílio na qualidade de auditores. A Assembléia aplaudiu calorosamente e aconteceu um fato comovente. Centenas de bispos abandonaram agitada-mente os próprios lugares na Basílica dirigindo-se para a mesa dos moderadores e dos membros da Secretaria-Geral para apresentar nomes de candidatos. Cada bispo queria que um dos seus padres pertencesse ao grupo. O que demonstra o carinho e o interêsse dos bispos pelos seus colaboradores mais diretos, os padres. Quando se acalmaram os ânimos, Mons. Felici anunciou que os nomes já tinham sido escolhidos com antecedência e que, se se quisesse atender a todos os pedidos, a Basílica ficaria mais do que lotada só de padres.

Mas a bomba mesmo se revelou hoje. Já a noite anterior, Dom Fernando ensaiara cuidadosamente o modo de apresentar sua intervenção. Mons. Tapajós traduzira o texto num latim impecável e incisivo. Depois de várias intervenções, mais ou menos inexpressivas, levanta-se Dom Fernando :

— Vou falar em nome de 112 bispos... O esquema “de vita et ministerio sacerdotali” — disse o Arcebispo brasileiro —, mesmo em sua nova redação, causou a nós e a muitos outros padres conciliares uma grande decepção. Julgamos que o texto das proposições constitui uma injúria aos nossos diletíssimos sacerdotes que trabalham conosco na vinha do Senhor... Não ignoramos a reta intenção dos que elaboraram o esquema e até os louvamos. *Mas deploramos o resultado.*

Continuando com a sua exposição, o relator disse que o texto não serve nem para os sacerdotes diocesanos nem para o clero religioso. “Além disso, o modo paternalista de falar não se harmoniza absolutamente com o modo teológico e verdadeiramente pastoral dos demais esquemas e não raramente estabelece para os sacerdotes coisas que não ousamos estabelecer para nós mesmos como, por exemplo, as questões da pobreza, da vida comum, da fuga da vaidade, da simplicidade no vestir, da procura dos títulos etc...”. Em seguida, Dom Fernando disse que o esquema deveria apresentar, numa verdadeira teologia do sacerdócio, a imagem de Cristo Sacerdotes, segundo a imagem da Igreja plenamente renovada e

segundo as legítimas exigências dos homens que, em meio às trevas, procuram o caminho da verdade e da vida. “Portanto, propomos, Veneráveis Padres Conciliares, e insistentemente vos pedimos, Eminentíssimos Moderadores, que, depois que a questão fôr reconsiderada com seriedade, o texto em exame não seja submetido à votação, mas seja redigido um nôvo, mais condigno, que seja discutido e votado na próxima quarta sessão do Concílio”.

Nessas alturas, apesar da proibição expressa de que não haja aplauso, a Assembléia interrompeu o orador para manifestar seu assentimento. Muitos bispos encontravam-se fora da sala, porque a hora era propícia para um cafézinho. Quando ouviram o aplauso, os bispos surgiram de todos os lados para ver quem estava sendo aplaudido e de que se tratava. Dom Fernando continuou: “Entregaremos à Secretaria do Concílio outras observações redigidas por escrito sôbre a questão. Mas, Veneráveis Padres Conciliares, não nos deixemos levar pela pressa, que se opõe à perfeição. O sacerdócio é algo de muito grande e de muito sagrado. Não podemos tratá-lo às pressas. Aos nossos sacerdotes, chamados conosco para trabalhar pelo Senhor, devemos pelo menos êste testemunho de amor e de veneração”.

Com êsse final, o interlocutor voltou a ocupar o seu lugar na Basílica e a Assembléia rompeu num longo aplauso.

Um dos mais cotados diários europeus, *La Stampa* de Turim, dedica duas colunas à intervenção de Dom Fernando sob o título “Cento Ves-covi protestano al Concilio perché si vuol fare troppo in fretta”. Realmente, aconteceu que os moderadores juntamente com a Secretaria-Geral do Concílio resolveram adiar as votações sôbre o esquema. A notícia foi anunciada logo antes do encerramento da Congregação Geral, contradizendo o que fôra dito no comêço da sessão, quando se estabelecera que o esquema seria votado imediatamente. Outros comentários da imprensa afirmam que o Episcopado brasileiro cresce dia a dia. Que, com essa tomada de posição, será difícil evitar uma quarta etapa do Concílio.

OTTO ENGEL — em Telex

---

## COMO PENSA UM BISPO NORTE-AMERICANO

### Plano eficaz de ajuda à América Latina ?

É alentador ver que a América Latina reclama a atenção da Igreja universal: “A América Latina e seu porvir é um problema da Igreja universal”.

Exigir-se-ia *primeiro* que tôdas as dioceses e tôdas as igrejas nacionais na América Latina imitassem o exemplo do Nordeste do Brasil e nos dissessem suas possibilidades e necessidades. Êsse trabalho não está feito. Não é estranho, porque dos 540 bispos da América Latina, 45% dêles têm dioceses jovens, criadas nos últimos dez anos. Com que pessoal contam?

Sacerdotes, religiosos, irmãos, religiosas, leigos em tarefas diaconais, leigos em missão? Qual a qualidade e aptidões dêsse pessoal? Há entre êles especialistas? Com que instituições e organizações contam?

Centros sociais : organizadores de apostolado direto, de educação, de serviço social, de beneficência e hospitais. Centros econômico-sociais; cooperativas, sindicatos. Com que meios de comunicação de massas contam? Desejam informações globais e também designação de prioridades. Desejam informes fornecidos outrossim por superiores religiosos, por entidades e instituições de apostolado etc.

Porém, é interessante o que acrescenta o Bispo de Búfalo : "Os superiores da América do Norte devem *confiar no que dizem os peritos* em questões latino-americanas quanto às necessidades e prioridades". Esta observação é sumamente interessante. Encerra *duas tendências* : 1) que não se julgue a América Latina pelo que sucede ou sai bem na América do Norte ou na Europa; 2) que aquêles que decidem o que se há de fazer sejam *peritos* em questões de pastoral latino-americana. Todos precisamos ter humildade e sentido prático a êste respeito. Chegou a hora da planificação técnica.

Em *segundo* lugar, o relator indica com extrema delicadeza a necessidade da coordenação entre os bispos e as demais fôrças vivas na América Latina. Os Ordinários e as congregações religiosas são livres de se coordenar ou não; de aperfeiçoar ou não sua coordenação; porém, seria muito útil se o fizessem.

Em *terceiro* lugar, se estabelece a necessidade de umas relações públicas sistemáticas. Carece formar um ambiente, à base de peritos, sôbre as necessidades, prioridades, ajudas e realizações na América Latina. Desde a imprensa, desde o púlpito, desde a cátedra, deve haver uma campanha dirigida a fim de pôr em primeiro plano a pastoral de conjunto na América Latina.

Sòmente assim, na opinião dêsse Exmo. Sr. Bispo, chegariam os recursos do exterior de um modo regular e planificado.

(De Boletín de la CLAR, 1/11/64, n.º 7, pp. 6-7)



*Deus não segue métodos, nem está limitado na escolha dos meios. Em suas mãos divinas tudo se transforma em graça...*

*Santo Inácio de Loyola precisou ser ferido, ter quebrado a perna, ser lançado num leito de dor por meses inteiros para compreender e seguir a vontade de Deus. São Camilo de Lellis precisou perder no jôgo todos os seus haveres, até a própria camisa, e isto por diversas vêzes, para perceber que Deus o chamava.*

*Saibamos apreciar os momentos da dor, da desilusão, do abandono, quando o mundo aparece vazio, na sua vaidade e cruel nos seus falsos juízos!*

## CRB Informa...

**CRB-Nacional** — No passado dia 17 de setembro realizou-se em São Paulo, no Ginásio Nossa Senhora do Loreto, um ENCONTRO DOS PROMOTORES, RECRUTADORES E ORIENTADORES VOCACIONAIS. Dêles participaram seculares, religiosos e leigos, perfazendo o total de quase uma centena.

Com uma preparação esmerada, foi um Encontro coroado de verdadeiro êxito, pela comunicação do “espírito de Morungaba”, pela eleição de uma equipe regional dirigente, enfim pelo esclarecimento e dedicação de que todos deram prova. É de agradecer ainda às Irmãs da Sagrada Família de Bordeaux a hospitalidade que dispensaram de maneira extraordinária.

Semelhante ENCONTRO realizou-se também em Belo Horizonte, de 22 a 25 de outubro, com a colaboração de 41 padres e irmãos, representando quase tôdas as dioceses e congregações masculinas de Minas Gerais e Espírito Santo. Presentes ainda dois provinciais, dois leigos, um do Clube Serra do Rio, Dr. Oscar H. de Carvalho, e o outro de Belo Horizonte, Prof. Camilo de Oliveira Tôres, tendo os dois últimos pronunciado excelentes e muito apreciadas conferências. Dom Serafim, DD. Bispo-Auxiliar de Belo Horizonte, honrou o Encontro também com a sua presença e sua palavra autorizada, em uma das sessões, dando seu pleno apoio.

Foi finalidade dêsse Encontro : 1) *estudar os resultados do Congresso de Morungaba*; 2) *estudar o modo como aplicá-los à própria região*; 3) *escolher uma equipe regional dirigente*. Prova da consecução da mesma finalidade é que já foi escolhida a equipe de Minas Gerais-Espírito Santo, encarregada de promover e coordenar em sua área a aplicação do programa de Morungaba juntamente com as correções e *addenda* dêste Encontro. Consta esta equipe de dois padres seculares, dois padres religiosos, dois irmãos, duas irmãs (a serem escolhidas no próximo Encontro para irmãs), dois seminaristas e dois leigos.

● De 7 a 12 de setembro, promoveu a CRB-Nacional um ENCONTRO DAS SUPERIORAS RELIGIOSAS DA ZONA SUL DO RIO, compreendendo as casas do Leblon, Ipanema, Gávea e Botafogo. Foi manifesto o interesse das presentes. Principal objetivo foi o estudo e atendimento a vários problemas respeitantes ao governo e administração de suas casas. As outras religiosas das outras zonas da cidade terão também, a seu tempo, em data a marcar, ocasião de encontro semelhante.

● Em continuação ao costume dos anos anteriores, decorreu a SEMANA DE MESTRAS DE NOVIÇAS de 12 a 17 de outubro último, na Casa Nossa Senhora do Cenáculo, no Rio. O número de participantes

foi de 150, o que constitui verdadeiro recorde. Tema principal, tratado nas diversas conferências, foi a Constituição sobre a Sagrada Liturgia, no Concílio.

De 19 a 23 do mesmo mês foi a SEMANA DE MESTRES, ou antes um Encontro, na Casa Nossa Senhora da Paz. Versado igualmente o atualíssimo documento sobre a Sagrada Liturgia. A assistência, embora mais reduzida, mostrou-se, em geral, bastante satisfeita com os conferencistas, contatos e trocas de idéias.

● Representando a Associação Brasileira de Enfermagem, deslocou-se a Lisboa o Padre Milani, Diretor do Departamento de Assistência à Saúde da CRB, a fim de tomar parte no CONGRESSO EUROPEU DO CICIAMS (Comitê Internacional Católico de Enfermeiras e Assistentes Médico-Sociais) realizado na capital lusa a 25 de agosto último.

Nos dois dias que antecederam o Congresso, houve reunião do Conselho Geral, quando, entre outros assuntos, foi discutida a situação do Brasil como membro do CICIAMS, já que os estatutos estabelecem que toda associação de enfermagem, para pertencer ao Comitê, deve ser católica e de caráter nacional. Foi então que o representante da ABEn tomou a palavra para explicar :

*A ABEn congrega enfermeiras religiosas, católicas e não-católicas. Atendendo aos desejos dos sumos pontífices, que recomendam a agregação das profissões aos organismos internacionais católicos, foram criados dois setores na mesma ABEn: o setor CICIAMS (para as enfermeiras católicas) e o setor ICN (International Counsel Nursing) neutro. Entretanto, a ABEn antes quer' desligar-se destes setores do que ter de desmembrar-se, e isto pelas seguintes razões: 1) A força dos enfermeiros do Brasil está na sua união, e esta se identifica com a associação de classe. Com muitas dificuldades embora, a ABEn foi criada e já tem dado bons resultados; outra associação congênere que surgisse viria a enfraquecer certamente a ABEn e prejudicar os seus empreendimentos. 2) A criação de uma associação católica implicaria no desligamento da ABEn das enfermeiras religiosas e católicas, o que no Brasil equivale a dizer que os profissionais católicos não queriam os acatólicos. Ora, isto parece pouco ecumênico, justamente quando se recomenda a política "portas abertas" e do "diálogo". 3) Na hipótese de ser viável a criação de uma associação católica, nos moldes acima, ficaria de pé uma pergunta: quem responderia pela orientação que possivelmente poderia tomar a ABEn, sem as enfermeiras católicas e religiosas?*

A seguir, Melle. Massenhove, Secretária-Geral, disse que o Brasil constitui um caso especial e que, por isso, submetia à votação dos presentes, com direito a voto, a agregação do país como membro aderente do CICIAMS. Todos os credenciados votaram pela agregação, e o fato foi saudado com uma salva de palmas.

## Recensões Bibliográficas

JOHN J. CONSIDINE M. M. —  
*O Papel da Igreja no Melhoramento Sócio-Econômico*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1964, 220x145 mm, 1 vol. br., 224 pp.

Realizou-se em 1958, nos Estados Unidos, um encontro de quatro dias, em que 40 especialistas católicos se ocuparam de problemas relativos às áreas subdesenvolvidas. O principal objetivo desse encontro era procurar meio para integrar esforços religiosos e culturais naquelas regiões, operando nos campos do "social e econômico".

Em texto cerrado, mas bem distribuído e impresso, oferece o volume em pauta, com pormenores bastante extensos, os resultados dos debates, tendo como idéia central este pensamento: *O missionário tem normalmente um papel catalizador e, excepcionalmente, o de técnico.*

Insistiu-se mormente sobre o desenvolvimento da comunidade, a técnica moderna do contato sócio-econômico em nível comunitário e a formação dos interessados por meio de antropologia cultural, especialmente pelo estudo da transformação de culturas. Estabelecidos estes princípios básicos, foi virada a atenção para os assuntos antes de ordem prática, como por exemplo: planejamento comunitário e moradia, saúde pública e nutrição, pequenas indústrias da comunidade, problemas demográficos etc. etc.

Publicado em texto inglês no ano 1960, a Editora Vozes presenteou o mundo de língua portuguesa, em 1964, com bem cuidada tradução. É uma publicação repleta de preciosíssimos ensinamentos geralmente apoiados em múltipla e variada experiência. Farta de exemplos e de casos ocorridos, esta obra se apresenta densa de vivências

que, se não são para serem indiscriminadamente transplantadas, podem servir de inspiração e de analogia para outros casos ainda por demais contraditórios em vastíssimas regiões do globo.

Por outro lado, constitui o presente trabalho irrecusável testemunho do interesse e da capacidade da Igreja, para a solução dos gravíssimos problemas sócio-econômicos que tanto inquietam a Humanidade.

I. J. D.

AÇÃO CATÓLICA ARGENTINA —  
*Noções da Doutrina Social da Igreja ao alcance das crianças*, Ed. Vozes, Petrópolis, 96 pp.

É uma pequena obra da Ação Católica Argentina e traduzida em português pela congênera brasileira. Conforme bem diz o título, são "noções" ao alcance das "crianças". E, segundo se lê na Introdução, destinam-se aos pais e educadores para que estes transmitam o conteúdo, de viva voz, e dentro de uma didática adequada, ao mundo infantil.

Depois de umas Noções Gerais, a autora — foi uma senhora quem redigiu a obrazinha — trata da Formação Social em que estuda particularmente a Família, a Igreja, o Estado, a Igreja e o Estado, para terminar com um Apêndice em que situa com destaque o caso do Brasil.

Embora os assuntos ventilados sejam difíceis, por sua natureza, cremos que, se fôr empregada a didática preconizada pela autora, proveito haverá em que o mundo infantil integre a grande arrancada em prol de um melhor conhecimento da questão social para bem solucioná-la, dentro dos princípios cristãos.

I. J. D.

MONS. EYMARD L'E. MONTEIRO  
— *Caminhos do Encontro*, Ed.  
Vozes, Petrópolis, RJ, 1963, 1 vol.  
br., 185x130 mm, 160 pp.

É uma obra que inicia e esclarece o caminho fácil para a santidade: o "encontro" com Deus. É, diz o autor, sobretudo *para os que nunca se aproximaram do Criador: "Como poderei rezar se não sei?"* — Também para os que já conhecem a religião e não a praticam: *Para que a Ele estejamos sempre unidos, não será preciso sair de nossa casa para ir até à Igreja.* — Para os que se dizem pecadores: *Deus nos ama assim como somos, com nossos defeitos, com nossos pecados, com nossas quedas. Respondeu, certa vez, Jesus a São Jerônimo: — "Dá-me os teus pecados para que os possa perdoar".* — Para os que se dizem ateus: *No tempo em que eu era ateu (dizia alguém), quando passava por uma rua deserta, à noite... eu rezava tanto... — E até para religiosos: A religião praticada por hábito de nada serve... A proporção que as páginas deste livro vão desbravando a riqueza de um amor tão puro, vão se abrindo novos horizontes... maior aproximação de Deus.*

Vivemos muitas vezes, atabalhoadamente, com idéias confusas, num frenesi desconcertante. Eis aí uma panacéia. A nosso ver, os principais pontos a se considerar na vida espiritual são a leitura, o exame, a oração. Como rezar se não o aprendemos? Como progredir na vida espiritual se não a verificamos pelo exame? Como sustentá-la se não rezamos? Começar com exercícios fáceis como as jaculatórias. Para o intelecto ou para o físico são necessários a instrução preliminar, o método e o alimento! Com o princípio, vêm o meio e o fim. O autor frisa bem esses expedientes corroborados por outros que deles dependem.

I. O. F.

LEVI CARNEIRO — *Voto dos Analfabetos*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1964, 1 vol. br., 285x125 mm, 112 pp.

Trata-se de um nome muito conhecido nos meios jurídicos, pois é grande advogado, e de um ilustre literato, como membro que é da Academia Brasileira de Letras.

O assunto, estudado pelo autor, é de suma importância, porquanto refere-se à incapacidade eleitoral ativa e passiva do analfabeto. O famoso causídico mostra como a questão vem sendo tratada, desde os primórdios do Império, para apresentá-la na sua feição moderna. E fá-lo como verdadeiro historiador, aduzindo as tentativas, nas suas diversas modalidades e em seu ambiente propício, mas verificando que, de modo geral, foi viva a repulsa para a concessão do voto ao analfabeto. Frisa ademais que, ultimamente, quem mais se tem esforçado por esta concessão são as forças esquerdistas ou algum liberal-conservador, com intentos demagógicos ou de visão política mal equilibrada.

É um livrinho que se lê, com prazer, porque esclarece a questão e aponta, por mais de uma vez, qual o caminho mais aconselhado a seguir neste atualíssimo assunto. É por isso que concordamos plenamente com a 10.<sup>a</sup> conclusão, quando diz: *a recusa do direito de votar aos analfabetos é um estímulo para que eles se alfabetizem e, depois, ampliem e aprofundem seus conhecimentos* (p. 110).

I. J. D.

OSWALDO BENJAMIN DE AZEVEDO  
— *O comércio do Brasil com os países socialistas*, Ed. Presença, Rio de Janeiro, s. d., op. br., 180x110 mm, 52 pp.

É um pequeno trabalho, elaborado por um economista, analisando as relações comerciais da Rússia com os demais países, inclusive o Brasil.

\* Baseado em estatísticas, intermediadas de comentários esclarecedores, oferece o opúsculo contribuição interessante para a clarificação do problema, devendo-se notar que o autor não vê vantagens nas relações comerciais entre a Rússia e o Brasil, razão pela qual êle insiste alertadoramente na frase de Lenine: *No dia em que o capitalista começar a negociar conosco, iniciará o financiamento de sua própria destruição* (p. 50).

I. J. D.

JACQUES MARITAIN — *A Filosofia Moral*, trad. de Alceu Amoro-  
roso Lima, AGIR, Rio de Janeiro,  
1964, 1 vol br., 240x165 mm,  
512 pp.

Não se trata de um texto de moral. De filosofia moral, mas de um exame histórico e crítico dos grandes sistemas filosóficos em que aparece o problema moral. Assim sendo, no fim da leitura, agradável, fácil e atraente da obra, podemos sentir a evolução e os problemas que a moral sofreu através das linhas filosóficas desde Sócrates até o Evangelho.

*É para os diversos sistemas de filosofia que desde Sócrates se sucederam, que nos devíamos voltar — diz o autor — a fim de que as diversas fases da reflexão filosófica sobre a vida moral dos homens e os pontos de vista contrastantes a que essa reflexão filosófica deu lugar nos introduzam, graças ao fluxo da história das idéias, em pleno coração dos debates, dos conflitos dos aspectos opostos que a experiência moral da humanidade revela e nos coloquem gradativamente, de modo não didático mas vivido, em presença das noções básicas e dos problemas fundamentais, cuja importância é central para estabelecimento de uma teoria nacional do agir humano.*

Querendo resumir todo trabalho magnífico, e não podia ser de outra forma tudo aquilo que sai da pena do renomado autor, pode-

riamos dizer que, lendo FILOSOFIA MORAL, temos impressão de ser levados por mãos de mestre desde os albores da filosofia até a era cristã, até nossos dias, numa espécie de catequese tão cara ao coração e à inteligência de Aristóteles, que, antes de dar a palavra definitiva, historiava, discutia, preparava e deixava a resposta nos lábios de quem o havia acompanhado ao longo dos raciocínios. Leva-nos pela mão até uma conclusão cristã, como resposta segura, embora transcendida a filosofia pura e a razão pura. Coloca-nos no limiar da teologia.

SOLUS

BERNARDO HAERING, C.S.S.R. —  
*Vaticano II, o Concílio dos Irmãos*, Editorial Perpétuo Socorro,  
Porto, Portugal, s.d., 1 vol. br.,  
190x120 mm, 120 pp. Distribuidora no Brasil: Oficinas Gráficas Editôra, Santuário de Aparecida Ltda., Aparecida, SP.

É um livrinho a integrar a coleção "Marana-thá". Seu autor é o famoso teólogo B. Haering, perito conciliar. Esforça-se B.H. por mostrar o grande pensamento do Papa João XXIII que afirmou não ser o Concílio Vaticano II *um Concílio para a unidade* e sim para preparar esta unidade. O conceito conciliar de "unidade" não é fácil de expressar e nem de apreender. Esta a razão pela qual o autor lhe dedica o presente opúsculo, subdividido em três partes: I — O mistério da unidade; II — Perspectivas do Concílio à luz do mistério da unidade; III — Conversão de todos os cristãos à unidade.

Com a maior sinceridade, trata Haering o assunto com igual clareza e humildade. Acha êle que é o momento para verdadeiro exame de consciência. Nós, os latinos, observa êle, temos, por vezes, tratado os irmãos separados com uma farisaica sobranceira. Hemos de reconhecer que êles também amam e defendem aspectos da verdade muito respeitáveis. É assim que o

autor não receia dizer: *A história diz-nos hoje bem claramente a todos que pecaram muito contra este mistério não só os irmãos ausentes mas também nós, católicos.* E logo em seguida: *A história diz-nos que nos tempos da Reforma fomos nós católicos quem, com uma justiça legal assente sobre grande licenciosidade e corrupção, contribuimos ao êxodo da Igreja de largas esferas, que intentavam uma reforma* (n. 96).

A leitura d'êste livrinho é muito esclarecedora; compreendemos ao terminá-la, por que João XXIII muito a recomendou a numerosos bispos, dizendo: *Como me senti confortado ao lê-lo!*

I.J.D.

PE. RICARDO GRAEF. *WOMEN'S'S'Q*  
*Programa*, Ed. Vozes, Petrópolis,  
1963, 1 vol. enc., 160x105 mm,  
158 pp.

É um opúsculo claro, metódico e empolgante sobre a senda da vida interior, para religiosos e leigos. Ensinamentos e exemplos interessantes. Alguns desconhecidos ou esquecidos por muitos.

Alguns tópicos para ilustrar: — Possuímos métodos e sistemas em demasia. — Uma vez achado o caminho, não se deveria mais abandoná-lo, mesmo em caso de achar-se outro melhor. — Daí, a vantagem de não mudar cada ano o pregador. — De maneira idêntica deverá cada pessoa ter o seu brasão e a sua divisa que lhe sirvam de lema pela vida afora. — E daí em diante nenhum retiro, nenhum sermão, nenhuma conferência nem livro qualquer deverá demovê-lo do seu método. — Importa escolhê-los... empregá-los. — Com novo estilo cada ano, vai tudo abaixo. — Com os propósitos "Quero me tornar santo" ou "Quero ser pontual" não se consegue muita coisa. — Uma idéia central pode orientar toda nossa vida: "Quero causar alegria a meu Jesus". — O propósito deve ser atraente e nítido. — Quando

Cristo se torna objeto pessoal e vivo de seu amor, êste começa a expandir-se mais e mais. — A alegria ao lado do amor é sem dúvida uma das forças mais benfazejas. — "Quero causar alegria a meu Jesus" ajudar-nos-á na transformação em Cristo pelo aproveitamento das lides quotidianas. — O dia de trabalho constitui nosso mais importante "exercício" de piedade (comparando com o tempo).

Capítulos sugestivos fornecem elementos ao conjunto da construção espiritual. Compêndio como êsse deve ser o nosso *vade-mécum*; deveremos sugá-lo, porque ensina um caminho a seguir. Depois compulсар outros...

I.O.F.

HILLMAN ARTHUR — *Organização da Comunidade e Planejamento*, trad. do inglês por Marília Diniz Carneiro e Marina Telles de Menezes, 2.<sup>a</sup> edição, AGIR, Rio de Janeiro, 1964, 1 vol. br., 220x145 mm, 356 pp.

O autor, professor de Sociologia do "Roosevelt College" de Chicago, dedicou a maior parte de sua vida ao estudo dos problemas da organização e planejamento da comunidade urbana. Pôde assim escrever um livro abalizado sobre tal matéria, o qual se reveste de particular importância para o Brasil onde as cidades crescem de maneira mais acentuada. A bem dizer, trata-se de um livro indispensável aos estudantes de Sociologia e de Economia que se preparam para melhor desempenhar suas funções profissionais. Digno ainda de especial interesse por parte das organizações de pesquisas e de administração urbana bem como dos dirigentes da vida nacional em qualquer setor considerado.

Os primeiros capítulos são dedicados aos conceitos sobre organização da comunidade urbana e metropolitana, tanto do ponto de vista de reconstrução material quanto de consideração pelo aspec-

to econômico da vida urbana. Tal aspecto é visto de uma forma estreitamente ligada aos múltiplos aspectos sociológicos dentro de um ângulo traçado pelas linhas do equilíbrio e de um planejamento local. A segunda parte do livro trata com grande competência dos vários campos de serviços comunitários, já aceitos pelo público, como seja por exemplo serviço social, planejamento de programas

recreativos e aptos a congregar e fortalecer as relações humanas. A terceira e quarta partes incidem sobre centros também comunitários como pontos de convergência dos trabalhos feitos em colaboração e dos vários setores urbanos como instrumentos de coordenação e de estímulo para a participação da população na demanda e alcance do bem comum.

G. J. DEELEN, SS.CC.

## L I V R O S

Da Editora Vozes, Petrópolis, RJ :

JEAN DANIELOU — *No Princípio* (Gênesis 1-11), trad. do original "Au Commencement. Genèse 1-11", 1 vol. br., 185x125 mm, 128 pp.

CAMILO DE OLIVEIRA TÔRRES — *Razão e Destino da Revolução*, 1 vol. br., 220x145 mm, 334 pp.

FREI CARMELO SURIAN, O.F.M. — *Roteiro Catequético* — I (Livro do Mestre do Primeiro Catecismo da Doutrina Cristã), 1 vol. br., 230x160 mm, 176 pp.

LÉON BARBEY — *Orientação Religiosa dos Adolescentes*, trad. do original francês por Maria Luíza Neri, sob a responsabilidade do Instituto Superior de Pastoral Catequética da CNBB, 1 vol. br., 220x150 mm, 128 pp.

SEBASTIÃO FERNANDES — *Os Netos do Sapo* (contos infantis), 1 vol. br., 230x160 mm, 80 pp.

PAULO VI — *Os Caminhos da Igreja no Mundo Moderno*, Carta Encíclica *Ecclesiam Suam* (Doc. Pont. n.º 147), s.d., 1 op. br., 175x120 mm, 56 pp.

## R E V I S T A S

Do Brasil :

*Mensagem de Santo Antônio* — set.-outubro 1964, Santo André, SP.

*Revista de Cultura Teológica* — fasc. 2 e 3 do t. III, 1963, São Paulo.

*Sponsa Christi* — outubro 1964, Petrópolis, RJ.

*Symposium* — Ano V, nos. 1 e 2, Recife.

*Vozes* — outubro 1964, Petrópolis, RJ.

*Revista Eclesiástica Brasileira* — setembro 1964, Petrópolis, RJ.

Do Exterior :

*Boletim Informativo do CELAM* — junho 1964, Bogotá.

*Cahiers du Clergé Rural* — ag.-setembro 1964, Sèvres (França).

*CIRM* — maio-agosto 1964, México.

*Commentarium Pro Religiosis* — vol. XLIII, fasc. III, ano XLV, Roma.

*Pastoral Popular* — julho-agosto 1964, Santiago do Chile.

*Religieuses d'Action Hospitalière et Sociale* — set.-outubro 1964, Paris.

*Rivista Delle Religiose* — outubro 1964, Roma.

*Seminários* — jan.-agosto e set.-dezembro 1964, Salamanca (Espanha).

*Vida Religiosa* — set.-outubro 1964, Madri.

**ÍNDICE**  
**DA**  
**REVISTA DA CRB**  
**1964**

## Í N D I C E

### ASCÉTICA

|  | n.º | p.  |
|--|-----|-----|
| <i>A obediência no plano da salvação e da santificação</i> — Padre J. González Raposo, C.M.F. .... | 103 | 37  |
| <i>Santificação da vida pela missa</i> — Padre Lambert Classen, S.J. ....                          | 106 | 193 |

### ASSISTÊNCIA A SAÚDE

|   |     |     |
|---|-----|-----|
| <i>Regimento Interno do D.A.S. da CRB</i> ..... | 107 | 293 |
| <i>Código de ética da ABEn</i> .....            | 110 | 501 |

### CONSULTAS

|  |     |     |
|--|-----|-----|
| <i>Venda de objetos sacros</i> — Frei Boaventura da Gangi, O.F.M. Cap. ....              | 111 | 565 |
| <i>Visita canônica do Ordinário do lugar</i> — Frei Francisco Xavier Bockey, O.F.M. .... | 113 | 689 |
| <i>Visitadora geral e língua pátria</i> — Frei Francisco Xavier Bockey, O.F.M. ....      | 114 | 755 |

### DIREITO DOS RELIGIOSOS

|  |     |     |
|--|-----|-----|
| <i>Da passagem, do egresso e da demissão de religiosos</i> — Frei Francisco Xavier Bockey, O.F.M. .... | 103 | 43  |
| <i>Idem</i> (cont.) .....  | 104 | 100 |
| <i>Idem</i> (cont.) .....  | 105 | 143 |
| <i>Faculdades outorgadas</i> — Frei Francisco Xavier Bockey, O.F.M. ....                               | 108 | 349 |

## DOCUMENTOS

## 1. Pontifícios

|   | n.º | p.  |
|---|-----|-----|
| <i>Constituição Sacrosanctum Concilium (sobre a sagrada Liturgia)</i> .....   | 103 | 1   |
| <i>Idem (cont.)</i> .....   | 104 | 65  |
| <i>Alocução de S.S. Paulo VI às religiosas enfermas (22/08/63)</i> .....  | 103 | 19  |
| <i>Discurso do Santo Padre aos representantes das nações junto à Santa Sé</i> .....                                 | 104 | 83  |
| <i>Mensagem de Paulo VI por ocasião de sua visita ao Pontifício Colégio Pio Brasileiro de Roma (28/04/64)</i> ..... | 108 | 323 |
| <i>Radiomensagem por ocasião do Dia Mundial de Orações pelas Vocações</i> .....                                     | 108 | 373 |
| <i>Sobre a Igreja e a Técnica (09/05/64)</i> .....  | 109 | 386 |
| <i>Encíclica Ecclesiam Suam (III — O Diálogo)</i> .....   | 113 | 641 |
| <i>Importância dos institutos religiosos (23/05/64)</i> .....   | 114 | 705 |
| <i>Pastoral e escola secundária (28/08/64)</i> .....  | 114 | 710 |

## 2. Conciliares

|  |     |     |
|--|-----|-----|
| <i>Os Católicos e os Judeus (relatório lido no Concílio por S. Em.ª o Cardeal Bea)</i> ..... | 109 | 389 |
| <i>A liberdade religiosa (relatório lido por S. Ex.ª Mons. De Smedt)</i> .....               | 109 | 394 |

## 3. Do CELAM

|   |     |     |
|---|-----|-----|
| <i>Carta do Revmo. Presidente sobre a aplicação da Encíclica sobre a sagrada Liturgia</i> ..... | 111 | 513 |
|---|-----|-----|

## 4. Da CLAR

|  |     |     |
|--|-----|-----|
| <i>IV Reunião da Junta Diretiva, em São Salvador (1-4/04/64)</i> ..... | 108 | 327 |
|--|-----|-----|

## 5. Da CNBB

|  |     |     |
|--|-----|-----|
| <i>Declaração sobre o momento nacional</i> ..... | 109 | 403 |
|--|-----|-----|

## EDUCAÇÃO

|  |     |     |
|--|-----|-----|
| <i>Internaço na educação colegial — Padre Eckinger, S.J.</i> ..... | 106 | 224 |
| <i>A vontade que educa — Padre Eckinger, S.J.</i> .....            | 107 | 297 |
| <i>Idem (cont.)</i> .....  | 108 | 355 |

|   | n.º | p.  |
|---|-----|-----|
| <i>Círculos de Pais (instruções para seu funcionamento)</i> — Maria Junqueira Schmidt ..... | 109 | 431 |
| <i>A diretora no pensionato</i> — Cônego Matagrín .....                                     | 110 | 488 |
| <i>Democracia dinâmica e educação</i> — CICYP .....   | 111 | 555 |
| <i>Acreditamos na escola cristã? (da revista Doceo)</i> .....                               | 111 | 563 |
| <i>O educador no internato</i> — Padre Eckinger, S.J. ....                                  | 112 | 601 |
| <i>Idem (cont.)</i> .....   | 113 | 672 |

### ESTATÍSTICA

|   |     |     |
|---|-----|-----|
| <i>Novas fundações masculinas (1962-63)</i> ..... | 106 | 244 |
|---|-----|-----|

### FORMAÇÃO

|  |     |     |
|--|-----|-----|
| <i>O adolescente seminarista e as férias</i> — Padre Ralfy Mendes, S.D.B. ....           | 107 | 273 |
| <i>Idem (cont.)</i> .....  | 108 | 339 |
| <i>Vida familiar nos conventos</i> — Frei Paulo Avelino, O.F.M. ...                      | 109 | 419 |
| <i>Religiosas de hoje</i> — Padre Gerardo Escudero, C.M.F. ....                          | 110 | 454 |
| <i>Renovação e adaptação nos institutos religiosos</i> — Mons. Paulo Philippe, O.P. .... | 111 | 517 |
| <i>Férias para padres e religiosos</i> — Frei Paulo Avelino, O.F.M. ..                   | 113 | 665 |
| <i>A unidade da vida religiosa ativa</i> — CRC .....                                     | 114 | 747 |

### HUMANISMO

|  |     |     |
|--|-----|-----|
| <i>Latim e atualidade</i> — Padre João Carlos Cabral Mendonça, S.J. .... | 106 | 238 |
|--|-----|-----|

### LITURGIA

|   |     |     |
|---|-----|-----|
| <i>Oração pública da Igreja</i> — Padre Bertrand de Margerie, S.J. ....             | 110 | 461 |
| <i>A Liturgia e a formação das religiosas</i> — Padre Basil Frison, C.M.F. ....     | 111 | 529 |
| <i>A celebração da Palavra</i> — Frei Romeu Dale, O.P. ....                         | 112 | 577 |
| <i>A celebração da palavra de Deus</i> — Dom Timóteo Amoroso Anastácio, O.S.B. .... | 113 | 656 |

### LUZES DA IGREJA

|   |     |     |
|---|-----|-----|
| <i>À memória de Dom Orione</i> — Padre Valdástico Patarello, D.P. ....            | 106 | 205 |
| <i>Atualidade do Padre Rodolfo Komórek</i> — Padre Edwaldo G. Amaral, S.D.B. .... | 110 | 467 |
| <i>O Beato Guanella</i> — Padre Mário Tarani, S.C. ....                           | 114 | 736 |
| <i>O Episcopado polonês denuncia a ação comunista contra a Igreja</i> .....       | 103 | 54  |

## NOTE E ANOTE

|  | n.º | p.  |
|--|-----|-----|
| <i>Missionários combonianos expulsos do Sudão</i> .....  | 106 | 253 |
| <i>Voluntários do Papa para a América Latina</i> .....   | 107 | 312 |
| <i>O Graal</i> .....   | 108 | 376 |
| <i>“Pro Memoria” para o Concílio (necessidade de maior precisão teológica sobre a vida religiosa e seu lugar na Igreja)</i> .... | 109 | 439 |
| <i>Vida religiosa e castidade</i> .....  | 110 | 504 |
| <i>Ordem Hospitaleira de São João de Deus</i> .....  | 110 | 507 |
| <i>Um encontro diferente (entre seminaristas maiores sobre vocações)</i> .....   | 111 | 570 |
| <i>Congresso Eucarístico Internacional de Bombaim</i> .....  | 112 | 635 |
| <i>Os pequenos são por vezes grandes</i> .....   | 113 | 691 |
| <i>Primeira reunião de CICOP (Programa de Cooperação Católica Interamericana)</i> .....  | 113 | 693 |
| <i>II Encontro regional dos missionários do Nordeste</i> .....   | 113 | 694 |
| <i>Trabalho apostólico das religiosas da arquidiocese de Natal</i> ....  | 114 | 757 |
| <i>Intervenção brasileira revolucionária no Concílio</i> .....   | 114 | 759 |
| <i>Como pensa um bispo norte-americano</i> .....   | 114 | 760 |

## PASTORAL

Dois grandes planos de pastoral :

|   |     |     |
|---|-----|-----|
| <i>I — Uma experiência pastoral em região subdesenvolvida (Nordeste brasileiro) — Dom Eugênio de A. Sales</i> | 105 | 129 |
| <i>II — O alcance do plano de pastoral do Congo — Mons. Jean Jadot</i> .....                                  | 105 | 137 |
| <i>Guarda-fogo apagado — Padre Pedro Luís</i> .....   | 107 | 269 |
| <i>Igreja e missão — Prof. Padre Emílio Barbieri, S.D.S.</i> .....  | 109 | 407 |
| <i>Espírito cristão e missionário — CRC</i> .....   | 110 | 450 |
| <i>Experiência em Nisia Floresta — G.F.</i> .....   | 111 | 551 |
| <i>Sentido da Pastoral — Padre Virgílio Rosa Netto, C.S.S.R.</i> ..   | 112 | 623 |
| <i>Religiosos no apostolado da Igreja — Frei Jerônimo Hamer, O.P.</i>   | 114 | 725 |

## RADIO VATICANO

|  |     |     |
|--|-----|-----|
| <i>A Emissora da Santa Sé (continuação) — Padre Paulo Bessa de Almeida, S.J.</i> ..... | 104 | 118 |
| <i>Idem (cont.)</i> .....  | 105 | 181 |

## RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS

|  |     |     |
|--|-----|-----|
| <i>Ação Católica Argentina — Noções da Doutrina Social da Igreja ao alcance das crianças</i> ..... | 114 | 765 |
| <i>Afonso Gregory, Padre — Como conhecer melhor a paróquia</i>                                     | 113 | 701 |
| <i>Antônio Freire, S.J. — Conversação Latina</i> .....   | 103 | 62  |

|   | n.º | p.  |
|---|-----|-----|
| Bernardo Haering, C.S.S.R. — <i>Vaticano II, o Concílio dos Irmãos</i> .....              | 114 | 766 |
| Boaventura Kloppenburg, O.F.M., Frei — <i>Concílio Vaticano II, III vol.</i> .....        | 113 | 702 |
| Carlos Furbetta, F.S.C.J., Padre — <i>Sei meditar sozinho, I e II</i> .....               | 112 | 639 |
| D. Aranzadi e G. Giner — <i>Uma escola social</i> .....                                   | 106 | 255 |
| Douglas Hyde — <i>Dois mundos em choque</i> .....   | 112 | 640 |
| Equipe de Catequistas — <i>Orientações</i> .....  | 103 | 63  |
| Eynard L'E. Monteiro, Mons. — <i>Caminhos do Encontro</i> ....                            | 114 | 765 |
| Feres — <i>Las tareas de la Iglesia en América Latina</i> .....                           | 113 | 702 |
| Fernando Achilles de Faria Mello — <i>Como aprender melhor</i> ..                         | 113 | 701 |
| Godeardo Baquero — <i>Métodos e Técnicas da Orientação Educacional</i> .....              | 106 | 255 |
| Guilherme Baraúna, O.F.M., Frei — <i>A Sagrada Liturgia renovada pelo Concílio</i> .....  | 112 | 639 |
| Hillman Arthur — <i>Organização da Comunidade e Planejamento</i> ..                       | 114 | 767 |
| Ignace Thiry, Irmão — <i>Irmãos Maristas Mártires na China</i> ....                       | 108 | 383 |
| J. Pantaleão Santos — <i>Deus (coletânea de afirmações)</i> .....                         | 108 | 382 |
| Jacques Leclerc — <i>Do Direito Nacional à Sociologia</i> .....                           | 110 | 511 |
| Jacques Maritain — <i>A Filosofia Moral</i> .....   | 114 | 766 |
| Jeanne Marie Digeon — <i>A descoberta de Deus</i> .....                                   | 104 | 62  |
| João Baptista, Frei — <i>Os chifres do diabo — capitalismo e comunismo</i> .....          | 107 | 309 |
| João Moahna — <i>O Mundo e Eu</i> .....   | 113 | 702 |
| John J. Considine M.M. — <i>O Papel da Igreja no Melhoramento Sócio-Econômico</i> .....   | 114 | 764 |
| Levi Carneiro — <i>Voto dos Analfabetos</i> .....   | 114 | 765 |
| Narciso Irala — <i>Contrôle cerebral e emocional</i> .....                                | 110 | 511 |
| Oswaldo Benjamin de Azevedo — <i>O comércio do Brasil com os países socialistas</i> ..... | 114 | 765 |
| Paul Chauchard — <i>O homem em Teilhard de Chardin</i> .....                              | 104 | 62  |
| Ricardo Graef, C.S.SP., Padre — <i>Meu Programa</i> .....                                 | 114 | 767 |
| Waldomiro Otávio — <i>Arte de Falar</i> .....   | 108 | 383 |

### SOCIOLOGIA (GERAL)

|  |     |     |
|--|-----|-----|
| <i>Crise em nossa América</i> — Padre Manuel Foyaca, S.J. .... | 105 | 171 |
| <i>Idem</i> (cont.) .....                                      | 106 | 213 |

### SOCIOLOGIA RELIGIOSA

|   |     |     |
|---|-----|-----|
| <i>Alguns aspectos sócio-religiosos do desenvolvimento mundial nos próximos decênios</i> — C. Thoen ..... | 104 | 86  |
| <i>Idem</i> (cont.) .....   | 105 | 155 |
| <i>Crítérios de novas fundações</i> — Padre Tiago G. Cloin, C.S.S.R. ..                                   | 107 | 257 |
| <i>Para uma sociologia da paróquia</i> — C. J. N. Deelen, S.S.CC.,  | 111 | 537 |

## VOCAÇÕES

|   | n.º | p.  |
|---|-----|-----|
| <i>O Clube Serra, as Vocações e a Imprensa</i> — Luiz Compagnoni .....  | 104 | 116 |
| <i>Três afirmações importantes (algumas considerações sobre a Carta Apostólica Summi Dei Verbum)</i> — Padre Bertrand de Margerie, S.J., .....    | 107 | 287 |
| <i>Notas sobre os grêmios de orientação sacerdotal</i> — Padre Gabriel Flôres, C.S.S.R., .....  | 107 | 289 |
| <i>Agregação à Obra Pontifícia das Vocações Religiosas</i> — Padre Odílio Onofre, C.S.S.R., .....   | 107 | 291 |
| <i>Resumos pelas vocações (radiomensagem do Santo Padre)</i> .....  | 108 | 373 |
| <i>A propósito de vocação (fatores sociológicos e psicológicos que influem no aspecto humano da vocação)</i> — Padre Antônio Germano, S.J., ..... | 110 | 471 |
| <i>Congresso de dirigentes do apostolado vocacional no Brasil (relatório do Encontro de Morungaba, 18-27/07/64)</i> .....                         | 112 | 585 |

## VÁRIA

|   |     |          |
|---|-----|----------|
| <i>Relatório anual da CRB (de maio de 1962 a outubro de 1963)</i> — Padre Tiago G. Cloin, C.S.S.R., ..... | 103 | 25       |
| <i>Aviso sobre o Instituto de Previdência do Clero do Brasil (IPREC)</i> .....                            | 103 | 52       |
| <i>Dom Armando Lombardi nos deixou</i> — Redação .....  | 108 | 321      |
| <i>Nôvo Núncio Apostólico para o Brasil</i> — Redação .....   | 109 | 385      |
| <i>Saudação da CRB à CNBB</i> .....   | 113 | 3.ª capa |
| <i>Serviços Procuratórios da CRB</i> .....  | 112 | 621      |
| <i>Presença e repercussão da CRB (a propósito de uma viagem)</i> — Padre Tiago G. Cloin, C.S.S.R., .....  | 114 | 717      |